

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Martin Dreher: Lutero. Reformador da Teologia

PÁGINA 09 | Wilhelm Wachholz: Lutero e Agostinho

PÁGINA 13 | Peter Johann Mainka: A ousadia de Lutero: enfrentar a Igreja Católica

PÁGINA 15 | Ricardo Rieth: Lutero. Pioneiro na análise de temas econômicos à luz da teologia

PÁGINA 18 | Vítor Westhelle: Os desafios do luteranismo, hoje

PÁGINA 20 | Marcio Gimenes de Paula: Lutero, pai da modernidade, visto por Nietzsche

PÁGINA 22 | Fulvio Ferrario: Lutero. Doutor da Igreja e mestre espiritual

PÁGINA 23 | Vanderlei Defreyn: Lutero e os mitos

PÁGINA 25 | Darci Drehmer: Lutero e a valorização do ser humano

PÁGINA 28 | Gisela Streck: Lutero e seu impacto na educação gaúcha

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 32 | Vicente Pleitez: A física de partículas. Uma área de fronteira como era a física nuclear nos anos 1930

» Teologia Pública

PÁGINA 35 | Jürgen Moltmann: Por uma antropologia e uma cristologia cósmicas

» Invenção

PÁGINA 37 | Linaldo Guedes

» Destaques On-Line

PÁGINA 41 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 45 | Róber Bachinski: Respeito à vida humana ou animal: De que lado a ética se posiciona?

» Perfil Popular

PÁGINA 48 | Sueli Angelita da Silva

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Alexandre Ayub Dargél



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Lutero. Reformador da Teologia

O teólogo e professor Martin Dreher prefere encaixar Martinho Lutero no grupo daqueles que pediam uma reforma da Teologia

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião do teólogo luterano Martin Dreher, “mesmo que o Catolicismo Romano sempre tenha assumido posturas claras, buscando diferenciar-se de Lutero, é inegável que toda uma série de decisões do Concílio de Trento só pode ser entendida a partir do debate travado com o pensamento de Lutero”. Quando perguntado sobre a herança de Lutero para a educação, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Dreher destaca que “a Teologia de Lutero aparece na rede de escolas luteranas, buscando acentuar a gratuidade do amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, de quem brota o compromisso da colocação de sinais desse amor no mundo em que professores e estudantes estão inseridos”. Para ele, essa mensagem tem atualidade, “pois sob a égide do neoliberalismo não há gratuidade: paga-se por tudo”. E, quando o tema foi o diálogo inter-religioso a partir do pensamento de Lutero, Martin Dreher é enfático: “O mundo do século XVI não se presta para o diálogo; nele, está o nascedouro do discurso absolutista, também do discurso da fé cristã como ‘absoluta’”.

Martin Dreher é professor e pesquisador no PPG em História da Unisinos, possui graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), e doutorado em Teologia com Concentração em História da Igreja, pela Ludwig Maximilian Universität München. Recentemente, o professor da Unisinos organizou, juntamente com os pesquisadores Imgart Grützmann e J. Feldens, o livro *A imigração alemã no Rio Grande do Sul. Reportes* (São Leopoldo: Oikos, 2008). Além desse, Dreher publicou outras obras, dentre as quais destacamos *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja* (Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998), *História do povo luterano* (São Leopoldo: Sinodal, 2005) e *A Igreja no mundo medieval* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Quais as principais contribuições de Lutero para a história da Igreja Cristã?

Martin Dreher - No período que designamos de Reforma e que não devemos considerar restrito à Reforma Luterana, pois engloba movimentos como a Reforma Suíça, liderada por Ulrico Zwinglio,¹ o Movimento Anabatista,² o

calvinismo³ e a própria Reforma Católica, sob a liderança da Companhia de Jesus, além do surgimento do Anglicanismo, muitas foram as tentativas de renovação do Cristianismo ocidental, a começar pela iniciativa de Isa-

bel, a Católica,⁴ e Cisneros,⁵ na Espanha. Enquanto algumas iniciativas buscavam moralizar, isto é, realizar uma reforma moral da Igreja, profun-

⁴ Isabel I (1451-1504): filha de João II de Castela e de Isabel, infanta de Portugal, neta materna de Isabel de Bragança e de João, duque da Beja. Posteriormente apelidada “A Católica”, por morte de seu meio-irmão, o rei Henrique IV de Castela, foi proclamada rainha de Castela (1474-1504). Ajudada pelos cardeais Mendoza e Jiménez de Cisneros, tentou converter ao catolicismo os muçulmanos, e apoiou Cristóvão Colombo na sua expedição ao Novo Mundo (América). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Gonzalo Jiménez de Cisneros (1463-1517) ou Francisco, Cardeal Cisneros (mais tarde mudaria o nome para Francisco): foi um religioso franciscano, político castelhano e espanhol, Inquisidor Geral de Castela e regente por ocasião da Morte de Fernando, o Católico, e presidente do conselho Regente, na morte de Felipe I. (Nota da **IHU On-Line**)

“Ana” e “baptizo”; em alemão: Wiedertäufer) são cristãos da chamada “ala radical” da Reforma Protestante. São assim chamados porque os convertidos eram batizados em idade adulta, desconsiderando o até então batismo obrigatório da Igreja Romana. Assim, rebatizavam todos os que já tivessem sido batizados em criança, crendo que o verdadeiro batismo só tem valor quando as pessoas se convertem conscientemente a Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

³ O Calvinismo é tanto um movimento religioso protestante quanto uma ideologia sociocultural com raízes na Reforma iniciada por João Calvino, em Genebra no século XVI. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ Ulrico Zwinglio (1484-1531), ordenado sacerdote em 1506, foi nomeado pregador da catedral de Zurich em 1522. No ano seguinte, publicou 67 Teses, assumindo muitas posições protestantes: rejeição do papado, do sacrifício da missa, da intercessão dos santos, da vida religiosa, e do celibato etc. O Conselho comunal deu-lhe permissão de implantar a reforma na cidade, anunciando as Escrituras e expulsando o pregador de Indulgências. (Nota da **IHU On-Line**)

² Anabatistas (“re-baptizadores”, do grego

damente comprometida pelo comportamento da Cúria e, em especial, de papas como VI⁶ (1492-1503), Júlio II⁷ (1503-1513) e Leão X⁸ (1513-1521), mas também de cardeais, como Alexandre Farnese, neto de Paulo III,⁹ outros dentre aqueles que buscavam responder ao clamor por uma reforma “na cabeça e nos membros da Igreja” pediam uma reforma da Teologia. Permito-me enquadrar Lutero nesse grupo.

Incertezas teológicas

O período anterior à Reforma foi de grandes incertezas teológicas. Na historiografia, buscou-se subsumir essas incertezas na expressão “justificação por graça e fé”. Contudo, a expressão não abarca o todo. Havia grandes incertezas no tocante à imagem de Deus e esta incerteza levava a incertezas relativamente à figura do próprio Cristo, decorrentes de questões não resolvidas e relacionadas com a Doutrina da Penitência, que culminaram no final da Idade Média na discussão em torno da venda de indulgências, estopim para a eclosão do movimento reformatório luterano, em 1517. Mas as indefinições relativas à Penitência estavam a mostrar que maiores ainda eram as indefinições em relação à Doutrina de Pecado e Graça, apesar das contribuições de Santo Agostinho,¹⁰ o que preparava grandes discussões em torno da Eu-

6 Alexandre VI, nascido Roderigo Gil de Borja i Borja (1431-1503): foi Papa de 10 de Agosto 1492 até a data da sua morte. Quando chegou à Itália, adotou o nome de Rodrigo Borgia, apor-tuguesado para Rodrigo Bórgia. Sua família foi elevada ao poder no Vaticano com a eleição do seu tio materno, Afonso Bórgia, como Papa Calisto III. (Nota da IHU On-Line)

7 Júlio II, nascido Giuliano della Rovere O.F.M. (1443-1513): foi Papa de 1 de Novembro de 1503 até a data da sua morte. Era Frade Franciscano. (Nota da IHU On-Line)

8 Leão X, nascido Giovanni di Lorenzo de' Medici (1475-1521): foi Papa da Igreja Católica entre 9 de março de 1513 e a sua morte, atacado de malária. Foi sepultado na igreja de S. Maria sopra Minerva em Roma. (Nota da IHU On-Line)

9 Paulo III, nascido Alessandro Farnese (1468-1549): foi Papa de 13 de Outubro de 1534 até a data da sua morte. (Nota da IHU On-Line)

10 Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

“O legado de Lutero que perpassa todas as denominações cristãs é, sem dúvida, o canto coral”

caristia e do Batismo. Todas essas indefinições, contudo, concentraram-se na temática da eclesiologia. De fato, é bom lembrar que só existe uma eclesiologia romano-católica uniforme desde o Concílio Vaticano II, o qual privilegiou a formulação que fala do “povo de Deus”. Lutero procurou dar resposta a essas indefinições. Por isso, sua maior contribuição para a história da Igreja Cristã está na sua tentativa de dar respostas teológicas a essas questões.

IHU On-Line - Qual a importância das pregações de Lutero para o tema do diálogo inter-religioso?

Martin Dreher - Nos dias de Lutero (ele viveu de 1483 a 1546), a outra religião conhecida era o islã. Era a “religião do turco” que na época chegou até as portas da cidade de Viena. Na Europa, estava presente também o judaísmo. No tocante ao islã, não podemos falar de diálogo e, no tocante ao judaísmo, a postura de Lutero deve ser vista de forma distinta. Se durante os anos iniciais de sua atividade acentuou que jamais se deveria esquecer que “Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu judeu”, em sua velhice, sob a influência de leituras apocalípticas do final do mundo, produziu textos injustificáveis, como “Acerca dos judeus e de suas mentiras”, pre-nhe de discurso anti-semita. O mundo do século XVI não se presta para

o diálogo; nele, está o nascedouro do discurso absolutista, também do discurso da fé cristã como “absoluta”. Podemos tirar a contraprova disso no que aconteceu com aqueles missionários jesuítas¹¹ que buscaram conviver com religiões diferentes na Índia e na China.

IHU On-Line - Como o senhor vê que as demais religiões cristãs assimilam até hoje a reforma conduzida por Lutero?

Martin Dreher - É inegável a influência que Lutero teve no calvinismo e no anglicanismo. Mesmo naquelas igrejas resultantes dos dissidentes ingleses (*dissenters*), que se rebelaram contra a Igreja da Inglaterra (anglicanos), há marcas indeléveis do legado de Lutero, mesmo que nelas, mais tarde, tenham surgido aspectos que as tornam distintas do luteranismo, como o fundamentalismo. Inegável é a presença do legado de Lutero entre os Metodistas. Mesmo que o catolicismo romano sempre tenha assumido posturas claras, buscando diferenciar-se de Lutero, é inegável que toda uma série de decisões do Concílio de Trento só podem ser entendidas a partir do debate travado com o pensamento de Lutero. No entanto, o legado de Lutero que perpassa todas as denominações cristãs é, sem dúvida, o canto coral, por ele produzido em parceria com Johann Walther¹² e, depois, tornado bem comum na cultura universal através do trabalho de Schein,¹³

11 Sobre os jesuítas missionários na China e na Índia, confira as edições da IHU On-Line número 186, de 26 de junho de 2006 (*Jesuítas. Quem são?*) e número 196, de 18 de setembro de 2006 (*A globalização e os jesuítas. Origem, história e impactos*). O material também foi publicado no número 14 dos Cadernos IHU em formação, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*. Um dos missionários jesuítas na China foi Matteo Ricci. Sobre ele, o padre jesuíta e professor da Faculdade Letteren, da Bélgica, Nicolas Standert, concedeu duas entrevistas à IHU On-Line. Uma foi publicada na edição número 186, e a outra, no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) em 28-06-2008. (Nota da IHU On-Line)

12 Johann Walter (1496-1570): foi um compositor luterano e poeta durante o período da Reforma. (Nota da IHU On-Line)

13 Johann Hermann Schein (1586-1630): foi mestre de capela da corte de Weimar (1613-1615) e depois cantor em São Tomás, em Leipzig (1616-1630). Foi com Praetorius e Schütz, um dos pioneiros na Alemanha, do novo estilo monódico italiano e aquele que mais profun-

Scheid e Schütz,¹⁴ alcançando seu ápice em Johann Sebastian Bach.¹⁵

IHU On-Line - Qual a principal herança de Lutero em relação ao papel da mulher na Igreja?

Martin Dreher - Lutero viveu em uma sociedade patriarcal; isso é inegável. Como é sabido, em 1525, casou-se com Catarina de Bora, outrora monja cisterciense. A partir de sua convivência com Catarina, definiu o objetivo do matrimônio na formulação de que nele, homem e mulher “deveriam tornar-se amigos em Cristo”. Não viu a sexualidade como mera função de procriação, mas como complementação de mulher e homem. Partindo do batismo, por ele entendido como ordenação da pessoa cristã, para o sacerdócio de todos os crentes, o serviço da comunidade cristã em relação ao mundo, situou também a mulher nessa função sacerdotal. Ele, no entanto, não chegou a divisar a mulher na função de “pastora”, de presidente da comunidade. Em uma oportunidade, no entanto, chega a afirmar que, caso em um mosteiro feminino não exista sacerdote, mulheres podem presidir a eucaristia, o que não deixa de ser uma formulação “avançada” para o século XVI. Se, hoje, mulheres luteranas são ordenadas pastoras, isso se deve, sem dúvida, à Teologia do Batismo formulada por Lutero.

IHU On-Line - Qual a principal importância de Lutero enquanto figura histórica e política?

Martin Dreher - Cada geração tem atribuído um “papel importante” para Lutero. Foi visto como o exemplo clássico do “herege”. Em minha adolescência, ainda tive de ouvir, em uma escola católica, que no dia de

damente sofreu a influência da música italiana. (Nota da IHU On-Line)

14 Heinrich Schütz (1585-1672): foi um compositor e organista alemão, geralmente considerado como um dos mais importantes compositores alemães depois de Johann Sebastian Bach e freqüentemente considerado como um dos mais importantes compositores do século XVII. (Nota da IHU On-Line)

15 Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. (Nota da IHU On-Line)

“Se, hoje, mulheres luteranas são ordenadas pastoras, isso se deve, sem dúvida, à Teologia do Batismo formulada por Lutero”

sua morte “toda a Alemanha cheirava a enxofre”: enxofre era cheirado por onde o diabo passava. É raro encontrar-se, hoje ainda, leitura semelhante, mas continuam a existir “tradicionalistas”, que jamais ouviram falar de Joseph Lortz, SJ nem de Erwin Iserloh e de suas leituras católicas de Lutero. Um dos primeiros textos de Lutero traduzidos para o português, sua interpretação do Cântico de Maria, o *Magnificat*, foi publicada pela Editora Vozes, de Petrópolis, em 1968, e louvado como exemplo de espiritualidade cristã. No mundo protestante, Lutero foi louvado como “campeão” ou como “herói da fé”. Ele mesmo se qualificou de “miserável saco de vermes”. Os românticos alemães viram nele o precursor do nacionalismo alemão e, depois, o nacional-socialismo. Prefiro ver Lutero como filho de seu tempo. Não tinha hábitos refinados; não era pessoa barroca. Estava entre a Idade Média e a Idade Moderna. No entanto, foi catalisador de anseios medievais que buscavam por uma Reforma na “cabeça e nos membros”. Foi teólogo e pensador de porte. Viveu em um contexto de humanismo e de renascimento. Atraiu humanistas e influenciou artistas. Foi visto como possível liderança por cavaleiros e por camponeses, mas desapontou a ambos. Foi poeta e compositor. Como tradutor foi gênio criador de lingua-

gem. Sua tradução da Bíblia consegue reproduzir linguagem poética. Soube ser conselheiro de príncipes, mas também um de seus mais ferozes críticos. Como figura histórica e política, Lutero foi um ser humano, com erros e acertos. Por ocasião de sua morte, em Eisleben, a 18 de fevereiro de 1546, encontrou-se, entre seus pertences, o seguinte bilhete, anotação sua: “Ninguém consegue entender a Virgílio¹⁶ nas Bucólicas e nas Geórgicas, a não ser que tenha sido pastor ou agricultor por cinco anos. Ninguém compreenderá Cícero em suas cartas (assim penso eu), a não ser que tenha se movimentado por 40 anos em um importante Estado. Ninguém pense haver experimentado suficientemente as Sagradas Escrituras, a não ser que tenha dirigido as Igrejas por cem anos com os profetas. Por isso, trata-se de uma coisa grande e maravilhosa: primeiro, no que toca a João Batista; segundo, no que toca a Cristo; terceiro, no que toca aos apóstolos. Não intentes a Eneida divina, mas inclina-te profundamente, adorando, ante seus vestígios. Somos mendigos. Esta é a verdade”.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Martin Dreher à IHU On-Line. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “A alegria como tema dominante em Mozart”, publicada na IHU On-Line nº 174, de 03-04-2006, cujo tema de capa é *Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e Milagre da vida*.

* “O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé”, publicada na IHU On-Line nº 209, de 18-12-2006, cujo tema de capa é *Por que ainda ser cristão?*

* Há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada, publicada na IHU On-Line nº 271, de 01-09-2008, cujo tema de capa é *Pomeranos: 150 anos de histórias e contradições*.

* A morte foi privatizada, publicada na IHU On-Line nº 279, de 27-10-2008, cujo tema de capa é *Morte. Resiliência e Fé*.

16 Públio Virgílio Marão, às vezes chamado de Vergílio, (70 a.C.- 19 a.C.): foi um poeta romano. Foi considerado ainda em vida como o grande poeta romano e expoente da literatura latina. Seu trabalho foi uma vigorosa expressão das tradições de uma nação que urgia pela afirmação histórica, saída de um período turbulento de cerca de dez anos, durante os quais as revoluções prevaleceram. (Nota da IHU On-Line)

Lutero e Agostinho

Ao defender a liberdade de consciência, Lutero contribuiria para o surgimento do *ethos* democrático, frente a quaisquer totalitarismos, afirma o teólogo Wilhelm Wachholz

POR GRAZIELA WOLFART

Para o professor Wilhelm Wachholz, “o conceito da justificação por graça e fé é certamente o mais conhecido e também caracteriza o pensamento teológico de Lutero”. E ele explica sua posição: “Lutero entendia que o princípio da justificação por graça e fé se opõe às tentativas humanas de, por mérito próprio, tornar-se justo aos olhos de Deus e das pessoas em geral. Em oposição a isso, Lutero defendeu que uma pessoa não se torna justa porque ela faz obras de justiça. Ela somente faz obras de justiça porque ela foi feita justa antes para fazer estas obras de justiça”. Ele acrescenta que a justificação por graça e fé evocada por Lutero representa uma profunda libertação do “eu”, “pois a preocupação pela salvação individual, que gera a exacerbada cultura individualista, cede lugar para a preocupação em favor do coletivo, da solidariedade, justiça social, ecologia etc.”. Ao falar sobre a concepção de Igreja em Lutero, Wachholz lembra que, para o alemão, “Igreja é corpo místico de Cristo. Esta Igreja não coincide necessariamente com uma Igreja (visível) institucional. A verdadeira Igreja é invisível aos olhos humanos; somente Deus a conhece. Somente através da Igreja invisível nos é assegurada a salvação e somente o pecado nos pode excluir dela. De outro lado, a excomunhão da Igreja visível (institucional) em nada afeta nossa participação na Igreja invisível (verdadeira). Por isso, devemos nos submeter à autoridade eclesiástica, mas, antes disso, ser fiéis à verdade”.

Wilhelm Wachholz é graduado e doutor em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST). Coordenador-geral dos Programas de Pós-Graduação em Teologia da EST, é docente na mesma instituição e secretário-geral da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE).

IHU On-Line - Qual a contribuição da figura histórica de Lutero para os rumos do catolicismo e do protestantismo depois da Reforma?

Wilhelm Wachholz - A figura de Lutero evocou, desde o século XVI, estudos intensos. Costuma-se afirmar que se escreveu mais sobre Lutero do que de qualquer outra figura da história da Igreja. Obviamente, as percepções sobre Lutero são as mais opostas possíveis. Elas vão desde aquelas que caracterizam o reformador de Wittenberg como “cria do demônio” até o extremo oposto, a saber, o de “quinto evangelista”, ao lado de Mateus, Marcos, Lucas e João. No âmbito luterano, particularmente da Ortodoxia luterana

do final do século XVI e início do século seguinte, preocupada com a busca pela doutrina pura, Lutero foi considerado uma espécie de compêndio da verdade e doutrina corretas. Num momento seguinte, no âmbito do pietismo,¹ Lutero foi saudado como grande modelo de conversão; toda pessoa precisa passar

¹ **Pietismo:** movimento surgido no final do século XVII dentro do luteranismo, como oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião. O pietismo influenciou o surgimento de movimentos religiosos independentes de inspiração protestante tais como o pentecostalismo, o neopentecostalismo e o carismatismo, todos de caráter anabatista. O pietismo combinava o luteranismo do tempo da reforma (como o calvinismo) e o puritanismo, enfatizando a piedade do indivíduo e uma vigorosa vida cristã. (Nota da IHU On-Line)

por uma experiência impactante da conversão. Por outro lado, os pietistas também se incomodavam com Lutero, especialmente por considerá-lo demasiado “frouxo” moralmente ao, por exemplo, tolerar a dança e o consumo moderado de cerveja. O Iluminismo, por sua vez, saudou Lutero como o grande libertador alemão frente ao autoritarismo. Pensadores iluministas o concebiam como herói da liberdade, não somente no âmbito da Igreja, mas também da sociedade em geral. Por isso, a imagem preferida no Iluminismo era aquela em que Lutero é apresentado desafiando o papa e o imperador na Assembléia Imperial em Worms (abril de 1521). Mais recentemente, através

da psicoistória de Erik H. Erikson,² Lutero é analisado como “fenômeno da psique” humana. Neste caso, as crises de Lutero com seu pai teriam sido projetadas pelo Lutero adulto sobre Deus no que diz respeito à justiça e ao amor paternos. Não por fim, estudos católico-romanos, não raramente têm apresentado Lutero como um rebelde com (ou sem) causa.

O “não” de Lutero

É, contudo, por parte de um pensador católico-romano, uma afirmação que merece destaque, pela sua sobriedade na análise de Lutero. Segundo Joseph Lortz, “tanto em termos de conteúdo quanto de intensidade, o ‘não’ de Lutero à Igreja papal é de tal tipo que dificilmente se poderia imaginá-lo mais radical. Mas esse ‘não’ carece de um reexame sóbrio, pois foi dirigido contra uma Igreja cuja realidade subcristã mereceria a mais forte das condenações, sempre que se tivessem os elementos subcristãos como a essência da Igreja. Isto é precisamente o que fez Lutero. Seu zelo religioso e pastoral parecia não lhe deixar outra saída”, conclui Lortz. Posturas como estas favorecem o diálogo ecumênico, pois nem uma demonologia por parte católica nem um hagiografia luterana permitem este diálogo. A Declaração Conjunta sobre Doutrina da Justificação (1999) é um claro exemplo do respeito e diálogo bilateral católico-luterano. Este documento é resultado da percepção coerente da Reforma, ao levar a sério a reciprocidade e mutualidade entre religião e cultura. Lutero não pode ser lido fora de seu contexto nem objetivos demonológicos nem hagiográficos.

IHU On-Line - Podemos afirmar que Lutero foi um marco para a história do cristianismo? Em que sentido?

Wilhelm Wachholz - Lutero marcou profundamente a história e a teologia cristã. Permito-me destacar dois pontos a este respeito. Primeiro: Lutero

contribuiu para o rompimento do *corpus Christianum* (corpo político-social) medieval. A sociedade medieval era ambos ao mesmo tempo: “religiosa” e “civil”. Não havia alternativa por um ou outro modo de vida. Teoricamente, Lutero apresentou o caminho para a libertação da Igreja perante o Estado e do Estado perante a Igreja, ainda que isso ocorresse, concretamente, somente com a Revolução Francesa (1789). Lutero o fez ao evocar a liberdade de consciência, inaugurando um princípio fundamental não só para a fé cristã, mas para o pensamento em geral. Contudo, não se tratava de uma consciência sem parâmetros, mas com base na autoridade da Sagrada Escritura. Neste sentido, é exemplar sua afirmação perante o imperador na Assembléia de Worms, em 1521: “[...] Minha consciência está presa nas palavras de Deus – não posso nem quero retratar-me de nada, porque agir contra a consciência não é prudente nem íntegro. [Não posso de outro modo, cá estou] Que Deus me ajude, amém”. Desta forma, Lutero evocou a defesa pela liberdade de fé. Religião e fé jamais podem ser obrigação. Las Casas³ defenderia princípio semelhante no contexto da evangelização na América do século XVI, ao passo que a empresa colonial ibérica, sob o princípio da Inquisição, buscava a homogeneização da religião pela força. Ao defender a liberdade de consciência, Lutero contribuiria para o surgimento do *ethos* democrático, frente a quaisquer totalitarismos.

Uma reforma teológica

Segundo: a partir da evocação da liberdade de consciência, Lutero pleiteia pela Reforma da Teologia de tal forma que a própria liberdade de consciência seja possível. Neste sentido, enquanto opositores de Lutero concebiam que todo o problema da Igreja residia na falta de uma piedade profunda e séria, Lutero percebia que o problema não estava na falta de piedade, mas na Teologia que nutria a piedade de seu tempo. Logo, para

Lutero era necessário reformar a Teologia. Portanto, a Reforma tinha que ser, para Lutero, uma reforma teológica. Isso explica por que Lutero não concentrou toda sua atenção na Reforma do culto nos primeiros anos de sua obra. É somente a partir de 1523 que ele se ocuparia com a Reforma do culto.

IHU On-Line - Como entender o impacto da teologia de Lutero em relação ao período histórico da Reforma? Quais das suas teses impactam até hoje?

Wilhelm Wachholz - O conceito da justificação por graça e fé é certamente o mais conhecido e também caracteriza o pensamento teológico de Lutero. Lutero entendia que o princípio da justificação por graça e fé se opõe às tentativas humanas de, por mérito próprio, tornar-se justo aos olhos de Deus e das pessoas em geral. Em oposição a isso, Lutero defendeu que uma pessoa não se torna justa porque ela faz obras de justiça. Ela somente faz obras de justiça porque ela foi antes feita justa para fazer estas obras de justiça. Como a pessoa é totalmente “pecado” (não somente pecadora!), uma força externa a ela precisa transformá-la para que possa realizar obras de caridade e justiça. Esta força externa é Cristo. Então, a identidade da pessoa cristã é excêntrica, conferida por Cristo, e não antropocêntrica, construída pela própria pessoa. Neste sentido, a identidade da pessoa cristã é “conformitas⁴” (termo utilizado por Lutero) com Cristo. Através da fé, a pessoa é tornada “con-forme”, ou seja, assume a forma de Cristo.

Paralelos entre a Idade Média e os dias atuais

A justificação por graça e fé me parece trazer uma contribuição fundamental para a atualidade. De um lado, ela liberta da moderna preocupação gerada pelo sistema econômico. Este, diga-se de passagem, em profunda crise na atualidade, se fundamenta no princípio da auto-justificação. É preciso acumular sempre mais, explorar

² Erik Homburger Erikson (1902-1994): psiquiatra alemão, responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento. (Nota da IHU On-Line)

³ Bartolomeu de las Casas (1474-1566): frade dominicano espanhol, cronista, teólogo, bispo de Chiapas (México) e grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Conformitas: do latim, conformidade (Nota da IHU On-Line)

sempre mais. O lema é o desenvolvimento, o progresso, a inovação. Tudo isso, no entanto, tem um alto custo social, ecológico, militar etc. Em nível coletivo, verifica-se que os países aspiram integrar o “G 7”, o “G 20”, o “Primeiro Mundo”. Em nível individual, cada pessoa quer tornar-se “rica”. Em resumo: todos querem auto-salvar-se e, para isso, constantemente se auto-justificam. Esta é a lei do mercado. Na Idade Média, a preocupação era semelhante. A diferença era que a salvação não tinha como alvo a terra, como se pode verificar na atualidade, mas o céu. A piedade medieval estava fundamentada na “matemática da salvação” segundo a qual se obedeciam a prescrições que garantissem a salvação depois da morte. Como na realidade do mercado atual, a morte — inevitável! — é o antônimo de salvação, a “salvação” já precisa ser alcançada aqui na terra, através do conforto das riquezas materiais. Então, enquanto na Idade Média se acumulavam bens celestiais, na atualidade se tem a tendência de acumular bens terrestres. Em ambos os casos, assistimos à exacerbação do individual sobre o coletivo. A salvação é privatizada em detrimento do comunitário.

A auto-justificação anda de mãos dadas com o individualismo

O exacerbado apelo aos direitos individuais segue o mesmo paradigma, ainda que disfarçado, pois, em nome do “direito individual”, facilmente se provoca o perigo do colapso das relações sociais provocadas pela anomia. Também neste caso, a auto-justificação é fortemente evocada. Por isso, me parece que a auto-justificação anda de mãos dadas com o individualismo. Contrariamente, a justificação por graça e fé evocada por Lutero representa uma profunda libertação do “eu”, pois a preocupação pela salvação individual, que gera a exacerbada cultura individualista, cede lugar para a preocupação em favor do coletivo, da solidariedade, justiça social, ecologia etc. A doutrina da justificação pela fé minou o dualismo medieval de trabalho “secular” e “sagrado”. No mundo medieval, o trabalho no âmbi-

to “secular” era considerado inferior. Era como que falta de vocação. A vocação ficava reservada para os “vacionados” por Deus como “religiosos” (sacerdotes, monges). Diante desta compreensão, a doutrina da justificação libertou o conceito de vocação de forma que também as tarefas “mundanas”, ou seja, na esfera “secular”, passam a ser compreendidas como serviço cristão.

IHU On-Line - Qual a herança de Lutero para a questão do ecumenismo, que parece evoluir em nossos dias?

Wilhelm Wachholz - Para compreender a contribuição de Lutero ao ecumenismo, é preciso considerar sua eclesiologia. Igreja e Estado eram, por assim dizer, uma única grandeza. Ambos formavam o *corpus Christia-*

**“Lutero evocou a
defesa pela
liberdade de fé.
Religião e fé jamais
podem ser obrigação”**

num (corpo político-elesiástico). Ser excluído de um significava também a exclusão de outro. Isso pode ser percebido concretamente em Lutero. Ao ser excomungado da Igreja (1520), foi confrontado com o Estado (Império) na Assembléia Imperial de Worms (abril de 1521), quando foi proscrito, perdendo garantias como cidadão do Império. A rigor, Lutero não mais era nem cristão, nem cidadão. Exatamente neste contexto, surgiria sua nova concepção sobre Igreja. Como somente havia possibilidade de existir no âmbito da Igreja e do Estado, ele fora empurrado a uma condição de não-existência. Por isso, a excomunhão da Igreja representava a maior desgraça para uma pessoa. A condição de não-existência de Lutero decorre do fato de, na Idade Média, dominar a idéia de que somente haveria salvação na e pela Igreja.

A concepção de Igreja em Lutero

Neste contexto, Lutero amadureceria sua concepção eclesiológica, que se caracteriza como profundamente ecumênica. Para Lutero, Igreja é corpo místico de Cristo. O corpo místico é a verdadeira Igreja. Esta Igreja não coincide necessariamente com uma Igreja (visível) institucional (por exemplo, a Católico-Romana, ou a própria Igreja Luterana, ou ainda qualquer outra Igreja institucional). A verdadeira Igreja é invisível aos olhos humanos; somente Deus a conhece. As pessoas não podem classificar quem pertence à verdadeira Igreja. Para Lutero, esta descoberta foi extremamente importante. Segundo ele, somente através da Igreja invisível nos é assegurada a salvação e somente o pecado nos pode excluir dela. De outro lado, a excomunhão da Igreja visível (institucional) em nada afeta nossa participação na Igreja invisível (verdadeira). Por isso, devemos nos submeter à autoridade eclesiástica, mas, antes disso, ser fiéis à verdade. Esta concepção de Igreja em Lutero traz pelo menos duas contribuições fundamentais: 1) impede a leviana identificação de uma Igreja institucional, por exemplo, Católico-Romana, Luterana, Presbiteriana, Batista, Metodista etc. como sendo a única e verdadeira Igreja; 2) preserva a noção de corpo, portanto, da ecumenicidade de forma que se possa crer que a verdade cristã não fica “algemada” a uma instituição eclesiástica em detrimento de outra. Portanto, a grande contribuição de Lutero é fomentar uma compreensão inclusiva e não exclusiva de Igreja.

IHU On-Line - Qual é a marca da espiritualidade deixada por Lutero e cultivada pelas comunidades de confissão luterana?

Wilhelm Wachholz - Os protestantes que imigraram no Brasil a partir das primeiras décadas do século XIX trouxeram consigo três livros básicos: Bíblia, hinário e catecismo. Os dois primeiros merecem destaque. Simbolicamente, pode-se dizer que Lutero, traduzindo a Bíblia para o alemão, desacorrentou-a, popularizando-a. Desta forma, a Bíblia tornou-se posse do povo. Lutero, contudo, aliou a tradução da Bíblia à ênfase na educação

universal, visando à facilitação da leitura da Bíblia. Desta forma, ele atacou a posse da Bíblia como uma exclusividade do clero. Eis o que explica por que os imigrantes trouxeram consigo exemplares de Bíblias que, inclusive, eram repassados de geração em geração. Outra marca da espiritualidade deixada por Lutero e cultivada no luteranismo é a música. Para Lutero, a música deve ser usada a serviço do Evangelho. Segundo ele, “depois da palavra de Deus, a música merece o mais alto elogio”. O próprio Lutero compôs grande número de hinos, que continuam a ser cantados até hoje - o mais conhecido dentre eles é “Castelo forte é nosso Deus”. A importância da música no âmbito luterano pode ser percebida no fato de terem surgido cerca de quatro mil hinos protestantes até o final do século XVI. A tradição musical no âmbito luterano tem estreita relação com a compreensão de culto. Culto é, em primeiro lugar, serviço de Deus à comunidade congregada. Lutero empregou o termo “Gottesdienst” (serviço de Deus) para expressar isso. No culto, Deus serve através de Palavra e Sacramento (Santa Ceia e Batismo). Por isso, somente em resposta ao serviço de Deus, a congregação reunida agradece e louva, cantando. Assim como o culto tem caráter comunitário, a música é expressão comunitária como resposta ao serviço de Deus. Eis porque a ênfase na hinódia durante o culto.

IHU On-Line - Em que medida o pensamento de Lutero é inspiração para o diálogo com grandes nomes da Filosofia, como Hegel e Santo Agostinho?

Wilhelm Wachholz - Certamente poderíamos apontar para diferentes pontos. Permito-me, contudo, evocar um ponto que, pessoalmente, tem me ocupado ultimamente, a saber, a relação de Lutero com o pensamento de Agostinho. Característico da Teologia de Lutero são os assim denominados quatro pilares: *solus Christus* (somente Cristo), *sola scriptura* (somente a Escritura = Bíblia), *sola gratia* (somente a graça) e *sola fides* (somente a fé). Os quatro “solas” são, paradoxalmente, exclusivos e interdependentes. Ao mesmo tempo em que somente podem ser entendidos na unidade, cada qual têm sua diversidade. Para

Lutero, Deus tornou-se logos (Palavra) ao se revelar em Cristo. Daí, a conclusão da centralidade da revelação de Deus em Cristo (*sola scriptura*). Poderíamos dizer assim: Cristo é o jeito que Deus encontrou para se auto-comunicar com a humanidade. Cristo é a forma de Deus entrar na história humana, fazendo-se tempo e espaço. O conhecimento desta revelação nos é dado pela Bíblia. A Escritura é o meio por excelência para o conhecimento de Deus. Daí a evocação de Lutero ao *sola scriptura*. A auto-comunicação de Deus, ou seja, sua revelação é iniciativa de Deus mesmo. Não existe mérito humano algum. O custo da revelação é pago por Deus mesmo, enquanto representa gratuidade à humanidade (*sola gratia*). Agraciado, o ser humano é libertado para a vida ética cristã. A auto-comunicação de Deus somente pode ser apreendida pela fé (*sola fides*). Pela fé, o ser humano passa a “ver com os olhos de Deus”. A fé permite ver a verdade de Deus e agir em *conformitas* (em conformidade) com Cristo.

Neste ponto, me parece que existe uma correlação especial com a teologia de Agostinho. Para Agostinho, a Palavra (*logos*) é sempre Palavra interna e externa. Poderíamos dizer isso assim: todo ser humano, ao enunciar uma palavra, nada mais faz do que externar uma palavra interior (preexistente). Ou seja, a palavra não passa a existir somente quando ela é enunciada. Ela já existe antes.

Lutero e Santo Agostinho

Isso é importante, particularmente para a cultura ocidental, que reduziu a compreensão de palavra à palavra enunciada, falada. Como desdobramento disso, caiu-se no realismo e tecnicismo literário, expresso em especial pela obstinação do gramaticismo, objetivismo, cientificismo.

Lutero, semelhantemente a Agostinho, entendeu Deus como *logos revelatus* (revelado) e *absconditus* (oculto). Enquanto *revelatus*, Deus se auto-comunica através de Cristo. Cristo é a Palavra externa de Deus. Ainda assim, Ele continua paradoxalmente *absconditus*, de forma que o *logos* é sempre mais do que o revelado, o enunciado. Para uma hermenêutica que pergunta pela verda-

de, e isso vale para o âmbito de todas as disciplinas, este aspecto me parece fundamental, pois coloca o desafio da tolerância e humildade em oposição a fundamentalismos e legalismos intolerantes. Ou seja, por ser a verdade última somente “conhecida” no âmbito do infinito (Deus), ela jamais pode ser reduzida e absolutizada no âmbito do finito, pois, quando reduzida ao âmbito do finito, redundando em intolerância e exclusivismos.

IHU On-Line - Em que sentido o pastor Lutero é visto como um “pai” por seus fiéis, o que permite compreender por que se celebra até hoje a Reforma?

Wilhelm Wachholz - Lutero afirmou certa vez sobre si mesmo: “Eu peço que a gente se cale sobre o meu nome e não se denomine de ‘luterano’, mas de cristão. O que é Lutero? A doutrina não é minha. Assim eu também não fui crucificado por ninguém”. É importante observar que o dia 31 de outubro não é dia de nascimento nem de falecimento de Lutero. Neste dia, lembra-se o Dia da Reforma. Portanto, a rigor, não se trata de lembrar Lutero, mas para aquilo que ele aponta. Neste sentido, é significativa a gravura de Cranach, pintor da Reforma, em que Lutero é retratado sobre um púlpito, pregando diante da comunidade, apontando para a cruz, onde se encontra o Cristo crucificado. A importância de Lutero, portanto, não está nele, mas naquele ao qual ele apontou: Cristo. Toda a teologia de Lutero não foi luterana, mas cristocêntrica. O luteranismo, portanto, se tornaria incoerente se tirasse Cristo do centro e colocasse lá Lutero ou quem quer que fosse.

IHU On-Line - Na última entrevista que o senhor nos concedeu, falou algo sobre o batismo em Lutero. Pode aprofundar essa questão a partir da visão teológica luterana?

Wilhelm Wachholz - Lutero combateu qualquer tipo de efeito mágico do batismo. O proveito ou a eficácia do batismo não está no rito em si — por este motivo, Lutero combateu o princípio do *ex opere operato* (pela obra realizada) —, mas no fato de ser dom da graça ofertado e recebido pela fé. Ou seja, o batismo não serve para nada se não for

acolhido pela fé e vivido pelo amor. Assim, toda a vida de uma pessoa cristã é um batismo e o cumprimento do que o batismo significa: morrer para o pecado e renascer em Deus. Ele próprio dizia sobre seu batismo: “Eu não fui batizado, mas sou batizado”. Portanto, o verbo batizar precisa ser assim conjugado: 1) de forma passiva, como obra sofrida, realizada por Deus, e 2) não ficar restrito à conjugação do passado, mas ser também sempre conjugação no presente. Lutero defendeu o batismo de crianças, a exemplo do que já vinha sendo praticado na Igreja desde a Antiguidade. De um lado, defendia esta compreensão, afirmando a fé substitutiva dos pais, padrinhos e da Igreja, que assumem a responsabilidade de cultivar a fé na criança batizada. Esta compreensão é importante, pois resgata a compreensão comunitária do batismo; toda comunidade é responsável pelos seus batizados, a começar pelos pais.

O batismo é dádiva, graça de Deus

Por outro lado, e muito mais importante para a defesa do batismo de crianças, é o fato de ser o batismo dádiva, graça de Deus. Segundo Lutero, o batismo de crianças é a expressão absoluta da graça de Deus. Através do batismo de crianças, fica radicalmente expresso que nenhuma pessoa pode fazer algo para se tornar filha de Deus. É Deus que torna a pessoa filha através do batismo. Não depende da pessoa querer ou não ser filha de Deus. Por isso, segundo Lutero, a fé não faz o batismo, mas somente o recebe. Assim, ao se batizar crianças, deve-se fazê-lo na esperança de que cheguem à fé a ser concedida pelo próprio Deus. Por isso, o batismo somente terá eficácia, não pelo rito realizado, mas se assumido e vivido diariamente. Neste sentido, batismo é presente duplamente: presente como dádiva e caminhada de fé no presente, diária.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Wilhelm Wachholz à IHU On-Line. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevista:

* *Triglaw: a proteção pomerana*, publicada na IHU On-Line nº 271, de 01-09-2008, cujo tema de capa é *Pomeranos: 150 anos de histórias e contradições*.

A ousadia de Lutero: enfrentar a Igreja Católica

Para o professor alemão Peter Johann Mainka, a maior importância de Martinho Lutero como figura histórica é que ele ousou enfrentar a Igreja Católica

POR GRAZIELA WOLFART

Ver Martinho Lutero como um personagem histórico é o objetivo do professor alemão Peter Johann Mainka. “Martinho Lutero e o protestantismo alemão são ligados, indissociavelmente, com a palavra falada (sermão) e escrita (leitura), assim como com a música sacra”, afirma ele, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Para ele, a chamada “Reforma Protestante” consistia em várias reformas, “cada uma delas abrindo o seu próprio caminho para a salvação”. E, com elas, “a antiga certeza sobre questões da fé tinha acabado e cada um tinha que se certificar da sua própria salvação”. Qual o resultado disso? “Um clima de lutas e combates que abalaram toda a Europa”. E Peter Mainka completa: “Com Lutero, com seus adeptos e partidários, assim como com os seus rivais e adversários, a necessidade para todo indivíduo humano de pensar e repensar a fé e a religião se espalhou pelos territórios alemães, pelos países vizinhos e pelo mundo inteiro”.

Professor de História Moderna na Universidade de Würzburg, Alemanha, Peter Johann Mainka tem mestrado pelo Institut für Geschichte da Julius-Maximilians-Universität Würzburg e é Ph.D. pela mesma instituição.

IHU On-Line - Qual a importância de Lutero e do protestantismo para a história da relação entre a Alemanha e o mundo?

Peter Johann Mainka - Com Martinho Lutero e a “Reforma Protestante”, foi quebrada a unidade cristã da Europa Ocidental. Na verdade, a “Reforma Protestante” consistia em várias reformas, cada uma delas abrindo o seu próprio caminho para a salvação. Se Martinho Lutero estava no início de todas estas reformas ou estas se realizavam independentemente da pessoa de Lutero, é assunto discutido pela historiografia atual. Seja como for, a antiga certeza sobre questões da fé tinha acabado e cada um tinha que se certificar da sua própria salvação. Isso

resultou num clima de lutas e combates que abalaram toda a Europa. Com Lutero, com seus adeptos e partidários, assim como com os seus rivais e adversários, a necessidade para todo indivíduo humano de pensar e repensar a fé e a religião se espalhou pelos territórios alemães, pelos países vizinhos e pelo mundo inteiro.

IHU On-Line - Como podemos perceber no protestantismo as marcas da cultura do povo alemão deixadas por Lutero? Como se dá a passagem e a atualização dessas marcas para culturas latinas, como no Brasil?

Peter Johann Mainka - Martinho Lutero e o protestantismo alemão

são ligados, indissociavelmente, com a palavra falada (sermão) e escrita (leitura), assim como com a música sacra, isto é, tanto a canção religiosa quanto a música de órgão. O próprio Lutero era um pregador talentoso e impressionante, e um escritor alemão importantíssimo, que não somente publicou milhares de escritos, mas também traduziu a Bíblia do latim para o alemão, contribuindo, assim, para o estabelecimento dos fundamentos gerais da língua alemã moderna. Além disso, Lutero gostava da música e das canções religiosas. Não são poucos os textos dessas canções, que ainda hoje são cantadas nas igrejas, que foram escritos por Lutero. Ele conhecia muito bem o povo alemão e também tudo que o agradava. Houve uma estreita relação entre a Igreja Luterana e a língua alemã, o que permaneceu nas comunidades alemãs no Brasil até os tempos contemporâneos.

IHU On-Line - Qual a maior importância de Lutero enquanto figura histórica, dentro e fora da Igreja?

Peter Johann Mainka - A maior importância de Martinho Lutero como figura histórica é que ele ousou enfrentar a Igreja Católica, desafiando, assim, uma instituição com uma longa tradição, relacionada, estreitamente, com os governos e os poderes dominantes e baseada em fundamentos intelectuais, por ela própria criados e parecendo inabaláveis. Nada mais, nada menos. Daí se deriva tudo o que veio depois, tanto na área eclesiástica quanto na área secular.

IHU On-Line - Quais as principais marcas que a Reforma deixou e que permanecem atuais, merecendo ainda discussão?

Peter Johann Mainka - Devido ao rompimento da unidade cristã da Europa Ocidental, a Reforma Protestante provocou uma série de mudanças que foram levadas para o mundo moderno: a gênese de confissões diferentes, com isso, a relativização das verdades religiosas, até então consideradas absolutas; a secularização, isto é, a separação entre Estado e religião, até então entrelaçados indissociavelmente; e, finalmente, a necessidade de tolerar

“Com Martinho Lutero e a ‘Reforma Protestante’, foi quebrada a unidade cristã da Europa Ocidental”

as outras convicções – valores adquiridos a partir daí num longo caminho histórico e os quais impregnam o nosso mundo, como se fossem naturais. Mesmo assim, na atualidade, há tendências que sugerem questionar, de novo, estas aquisições. As características do mundo moderno não se tornam uma posse natural, mas têm de ser adquiridas sempre de novo.

IHU On-Line - Quais as características de Lutero enquanto uma figura política? Como o senhor define sua filosofia política?

Peter Johann Mainka - A filosofia política de Lutero era inovadora e conservadora ao mesmo tempo. Por meio da sua doutrina dos dois regimes (o eclesiástico e o secular), ele promoveu, por um lado, a secularização, isto é, a emancipação do mundo secular da tutela eclesiástica, processo fundamental para a gênese da modernidade. Por outro lado, com a sua defesa intransigente da obediência ilimitada dos súditos às autoridades, como, por exemplo, em 1524 e em 1525 em relação aos camponeses rebeldes, na Guerra dos Camponeses,¹ ele preparou o solo

¹ A Guerra dos Camponeses de 1524-26, na Alemanha, consistiu em um conjunto de revoltas com causas econômicas e religiosas por camponeses, pessoas da cidade e nobres. O movimento possuiu um programa dos doze artigos, elaborado na cidade de Memmingen em 1525, considerado a primeira manifestação escrita dos Direitos humanos. A guerra foi em parte uma expressão da revolta religiosa conhecida como a Reforma Protestante, na qual críticos dos privilégios e da alegada cor-

para regimes autoritários na posterioridade. Acima de tudo, porém, estava a obediência a Deus. Assim aconteceu que, no regime nazista, na Alemanha, uma parte dos protestantes, a saber, os “Cristãos alemães” (Deutsche Christen), se acomodava com o nazismo, até se aliou com ele. Uma outra parte, a assim chamada “Igreja professando” (Bekennende Kirche), da qual, por exemplo Dietrich Bonhoeffer fez parte, se opôs radicalmente, e nunca abriu mão das suas convicções religiosas e dos valores da humanidade.

IHU On-Line - Como as guerras civis religiosas da época do protestantismo podem ser relacionadas com os conflitos religiosos que ainda hoje marcam o Oriente?

Peter Johann Mainka - A Reforma Protestante, ou seja, as Reformas Protestantes desencadearam uma série de lutas e conflitos que resultaram no mundo moderno. Era necessário que as confissões nascentes se diferenciasssem umas das outras e conquistassem o seu próprio espaço e a sua própria forma quanto à hierarquia, estrutura e organização naquele momento histórico. Esse processo era conflituoso e violento, mas contribuiu, a longo prazo, para a convivência pacífica dos homens que aderiam a crenças diferentes. A história da humanidade é plena desses processos de transformação. Se considerarmos, no sentido de Cícero, a história como *magistra vitae*, isto é, como “professora da vida”, podemos ter esperança de que esses processos de transformação se realizem nos tempos atuais e futuros de maneira mais pacífica do que na época de Lutero. Receio, porém, que as faculdades dos homens de aprender a partir da história são limitadas e toda geração tenha de passar por crises políticas, econômicas e sociais para chegar a um novo nível de convivência. Porém, como o exemplo do próprio Lutero mostra, a

rupção da Igreja Católica Romana contestaram a ordem religiosa e política estabelecida. Mas também reflete o profundo descontentamento social: o descontentamento com o poder dos nobres locais; o desejo de líderes das cidades pela liberdade do poder eclesiástico (Igreja) e dos líderes da nobreza; tensões dentro das cidades entre as massas e as elites urbanas e rivalidades entre a própria nobreza. (Nota da IHU On-Line)

“As Reformas Protestantes desencadearam uma série de lutas e conflitos que resultaram no mundo moderno”

esperança morre por último, e, assim espero, a razão humana possa limitar todos os excessos. O mundo passa, neste momento, por uma dessas crises de transformação, somos nós todos exortados a contribuir para diminuir os efeitos colaterais violentos.

IHU On-Line - Lutero foi importante para a questão do ecumenismo e do diálogo inter-religioso?

Peter Johann Mainka - É conhecido que o próprio Lutero tentou realizar uma reforma da Igreja, que ele achava necessária. O rompimento com a Igreja Católica não foi o seu objetivo inicial. Ele lutou, principalmente, pela sua convicção religiosa e não contra a Igreja Católica. Neste ponto, poderíamos identificar uma contribuição de Lutero para o diálogo inter-religioso, caminho que foi tomado já na década de 20 e 30 do século XVI, como provam as várias conversas religiosas que foram realizadas a fim de reunir as confissões nascentes. No tempo de Lutero, porém, na época da Reforma Protestante e da assim chamada “confessionalização”, isto é, a gênese das confissões católica, luterana e calvinista, a necessidade de delimitar a própria Igreja das outras era prevalente. Além disso, o próprio Lutero não era muito apto para negociações e diálogos com os representantes das outras correntes religiosas, devido ao seu gênio belicoso e polêmico, que não recuou diante de injúrias e insultos. No entanto, a necessidade de dialogar cresceu bastante e, diante de um mundo caracterizado pela perda dos valores morais, todas as Igrejas são obrigadas a enfrentarem juntas os desafios da atualidade.

Lutero. Pioneiro na análise de temas econômicos à luz da teologia

Para Ricardo Rieth, historicamente, Lutero e seu tempo estão muito distantes de nós. “Não há termo de comparação entre a sociedade de então e a nossa”

POR GRAZIELA WOLFART

Ricardo Willy Rieth possui graduação em Ciências Sociais, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduação em Teologia, pelo Seminário Concórdia/IELB, de Porto Alegre, doutorado em História da Igreja (Kirchengeschichte), pelo Instituto de História da Baixa Idade Média e da Reforma da Universidade de Leipzig, Alemanha, e pós-doutorado pela mesma instituição. Atualmente, é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo. É, também, professor adjunto na Ulbra, em Canoas, nos Cursos de Teologia, História-Licenciatura e Ciências Sociais. Ricardo esteve na Unisinos no último dia 30 de outubro, participando do evento IHU Idéias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quando conduziu um debate a partir do tema “As contribuições de Martinho Lutero para a economia, a ética e a sociedade”.

Na entrevista concedida por e-mail, Rieth destaca que o pecado do qual Lutero fala corresponde ao drama existencial humano de viver sob a ameaça de forças que produzem morte e injustiça. Para Rieth, muitas destas forças são ligadas ao modo como a humanidade se relaciona com o meio ambiente, com os bens e o dinheiro em função de sua sobrevivência. Neste sentido, ele afirma que é natural e coerente com os fundamentos de sua teologia o fato de Lutero dar o melhor de si para abordar questões econômicas, sociais, educacionais, jurídicas ao lado de temas “clássicos” como Deus, fé, amor, salvação etc..

IHU On-Line - Qual a característica do olhar de Lutero sobre a economia? Como entender que um teólogo, um religioso, tenha se preocupado com esse tema?

Ricardo Rieth - Lutero não foi um pioneiro ao analisar temas econômicos e manifestar-se a respeito como teólogo. Há uma importante tradição de pensamento cristão preocupada com isso, que, de certo modo, refletiu-se nas contribuições do reformador alemão. A especialização e a disciplinarização do co-

nhecimento em áreas estanques correspondem a um processo posterior a seu tempo. Nós, que somos de outra época, certamente ganhamos muito com esse processo nas ciências, mas houve perdas significativas. Quem hoje em dia relaciona teologia, filosofia ou ética com economia infelizmente muitas vezes é considerado pseudocientista. Lutero entendia que o objeto da teologia por excelência é a relação do Deus que justifica com o ser humano afligido pelo pecado. A jus-

tiça que Deus promove não se limita apenas a uma ou outra esfera da vida individual e cotidiana, mas é dirigida a seu conjunto. É uma justiça que quer promover vida plena e em abundância. Da mesma forma, o pecado de que Lutero fala corresponde ao drama existencial humano de viver sob a ameaça de forças que produzem morte e injustiça, sendo muitas delas ligadas ao modo como a humanidade se relaciona com o meio ambiente, com os bens e o dinheiro em função de sua sobrevivência. Assim, nada mais natural e coerente com os fundamentos de sua teologia o fato de Lutero dar o melhor de si para abordar questões econômicas, sociais, educacionais, jurídicas ao lado de temas “clássicos”, como Deus, fé, amor, salvação etc.

IHU On-Line - A partir de Lutero, como os princípios da ética cristã podem servir para formarmos um juízo em relação à questão econômica? Em que sentido, como o senhor afirma na outra entrevista que nos concedeu, a economia capitalista contradiz o mandamento de Cristo?

Ricardo Rieth - Ao analisar determinadas práticas no comércio de sua época, Lutero elabora um raciocínio aparentemente óbvio, mas por isso mesmo desconcertante para nós hoje. Cito parte de uma manifestação de Lutero que deixa isso presente: “Os comerciantes têm uma regra comum, fundamento de todo o negócio: ‘Posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder’. Acham que este é um direito deles. Esse lema afronta direta e desavergonhadamente não só o amor cristão, mas a própria lei natural. A necessidade do próximo acaba definindo o preço e valor da mercadoria. Acaso não é esse um procedimento acristão e desumano? Não se está, dessa maneira, vendendo ao pobre sua própria carência?”. Lutero constata aquilo que se chamou de “lei da oferta e da procura”, percebe o quanto isso é determinante na política de formação de preços. Não se priva, contudo, de perguntar pelas intenções de quem está envolvido em transações comerciais. Princípios oriundos da fé como referência para as decisões e práticas não deveriam restringir-se apenas a alguns

âmbitos da vida, sendo excluídos, por exemplo, do campo das relações comerciais.

IHU On-Line - Qual a importância de Max Weber no sentido de reconhecer a contribuição da ética protestante para pensar a economia?

Ricardo Rieth - Max Weber desenvolveu uma tese muito citada, seja por quem concorda, seja por quem discorda dela. Penso que seu grande mérito esteve em suscitar o debate que relaciona as práticas econômicas capitalistas, juntamente com suas justificativas, e as distintas correntes éticas no cristianismo da era moderna. Ele procurou descrever algo que chama de “espírito do capitalismo”, relacio-

**“Quem hoje em dia
relaciona teologia,
filosofia ou ética com
economia infelizmente
muitas vezes é
considerado
pseudocientista”**

nando-o com impulsos decorrentes da Reforma protestante, ou seja, com o que denomina “ética protestante”. De modo algum, afirmou que uma corrente religiosa seria fator exclusivo de surgimento da sociedade capitalista com seu respectivo imaginário. Quis, isso sim, defender que, dentre uma multiplicidade de fatores, a Reforma protestante poderia ter parcialmente fomentado a constituição de um assim chamado “espírito do capitalismo”, ou seja, idéias de trabalho dedicado, poupança, austeridade e realização pessoal, familiar e coletiva nas atividades econômicas. As pesquisas que temos hoje em dia indicam que a realidade histórica do capitalismo nas suas origens foi muito mais complexa e diversificada do que se pensava no início do século XX, quando Weber es-

creveu seus trabalhos. Mesmo assim, como disse acima, o simples fato de ter promovido o debate já é por si meritório.

IHU On-Line - Quais as bases da reflexão ética de Lutero e como a Bíblia foi inspiração nesse sentido?

Ricardo Rieth - Lutero procurou refletir acerca da ética tanto em relação com a filosofia, como em relação com a teologia. No que diz respeito à ética em diálogo com a filosofia, Lutero parte das correntes referenciais que conheceu na escolástica de fins da Idade Média, em especial o nominalismo, e no humanismo renascentista centro-europeu. Buscou incorporar elementos centrais das noções acerca do direito natural e da equidade. Para seu pensamento político, por exemplo, foi muito importante a herança do pensamento nominalista acerca da necessária distinção entre os governos espiritual e secular. Vinculado a isso esteve seu trabalho intelectual, relacionando a ética e a teologia. Aqui, contudo, a Bíblia assumirá um papel decisivo, o mesmo papel de autoridade que tem no conjunto do pensamento teológico de Lutero. Ele buscará, em determinados textos bíblicos, os fundamentos para uma ética normativa, que permanentemente confronta as pessoas crentes na realidade em que estão inseridas, desafiando-as a promoverem uma autocrítica daquilo que está na base de suas decisões e ações, sejam elas conscientes ou inconscientes. Dentre esses textos, destacam-se os Dez Mandamentos, o Sermão da Montanha e algumas passagens da tradição paulina.

IHU On-Line - Qual a atualidade do pensamento de Lutero para pensarmos os valores da sociedade atual?

Ricardo Rieth - Historicamente, Lutero e seu tempo estão muito distantes de nós. Não há termo de comparação entre a sociedade de então e a nossa. Lutero e seu legado poderiam nos auxiliar se buscássemos identificar o modo pelo qual ele tentou compreender a sociedade em que viveu e os desafios por ela lançados a quem procura viver decidindo e agindo pautado pela justiça, pelo amor e pelo Evangelho. Não resta dúvida de que hoje as aflições e sofrimentos das pessoas são diferentes do que há meio

**“A justiça, o amor e o Evangelho estão aí
justamente por causa das imensas cargas e
sofrimentos que sujeitam as pessoas
e as tornam sedentas de cuidado e consolo”**

milênio. Contudo, aflição e sofrimento, sob novas formas, seguem marcando as existências. A justiça, o amor e o Evangelho estão aí justamente por causa das imensas cargas e sofrimentos que sujeitam as pessoas e as tornam sedentas de cuidado e consolo.

IHU On-Line - Quais os ensinamentos de Lutero em relação ao trato com recursos materiais? Como ele se utiliza do Evangelho para justificar sua posição?

Ricardo Rieth - Podemos identificar alguns passos propostos por Lutero em seus escritos. Em primeiro lugar, ele procura descrever a situação em torno a uma prática ou transação econômica, seguindo sua própria análise amparada por consultas a pessoas – comerciantes e financistas – diretamente envolvidas. Em seguida, ele busca afirmações do Evangelho para lidar com os recursos materiais e as encontra de modo especial no Sermão da Montanha. Os mandamentos de Cristo com toda sua radicalidade são enunciados: a pessoa cristã deve estar disposta a deixar que levem os bens, se intimada pela força; deve dar seus bens livremente a quem os necessita ou almeja; deve emprestar de boa vontade sem nada exigir além do que foi efetivamente emprestado. Em um terceiro passo, Lutero coloca frente a frente às práticas usuais e cotidianas das pessoas, em especial as que se julgam cristãs, e o mandamento de Cristo. Por fim, Lutero apresenta casos específicos de atividade econômica, a fim de orientar na liberdade de decidir com base nos mandamentos. Tal decisão não dependeria necessariamente do direito vigente. Para ele, situações diferenciadas exigiriam sempre decisões diferenciadas. Desse modo, seguiu atribuindo um papel central à equidade, ou ao bom senso, na base das decisões envolvendo práticas econômicas e políticas.

IHU On-Line - Qual era a visão de Lutero sobre a salvação?

Ricardo Rieth - Retomo o que disse anteriormente sobre a compreensão de Lutero pela qual o objeto da teologia é o ser humano, sujeito às forças da morte, da injustiça e do pecado, e o Deus que justifica. Com isso, Lutero não quer dizer que a teologia se limita ao ensino da justificação por graça e fé. Ele próprio ocupou-se intensivamente com temas como a criação, a educação, a sexualidade, a política e a economia. No entanto, Lutero sublinha que aqui está o centro de sua teologia: é o Deus vivo, que age para a salvação do ser humano. E isso não acontece apenas como consequência do juízo final, mas já agora, em todos os momentos, pela ação do Espírito Santo, o Santificador. A salvação proporcionada por Deus começa a acontecer já nesta vida. É o Espírito Santo que cria a fé, que faz a fé produzir frutos, que leva a pessoa a não temer o sofrimento. A santificação tem um grande significado para cada grupo de pessoas, para cada comunidade humana. Isso porque por meio dela o Espírito mata na pessoa o egoísmo, a inveja, o desejo de vingança e a ânsia pelo poder. A salvação está direcionada para sua plena realização na eternidade, mas ao mesmo tempo já é salvação nesta vida, para cristãos e não-cristãos, através de Cristo.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Ricardo Rieth à IHU On-Line. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevista:

* *As contribuições de Lutero para a economia, a ética e a sociedade*, publicada na IHU On-Line nº 279, de 27-10-2008, cujo tema de capa é *Morte. Resiliência e Fé*.

ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA DA
REVISTA IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Os desafios do luteranismo, hoje

Vítor Westhelle explica que libertação, para Lutero, é definida por uma relação metabólica entre liberdade e dever

POR GRAZIELA WOLFART

Para o teólogo Vítor Westhelle, professor de Teologia Sistemática na Escola Luterana de Teologia de Chicago, Estados Unidos, Lutero foi uma pessoa muito terrena. “Não acreditava que Deus o havia elegido para uma missão especial, tentou viver a liberdade que o evangelho a todas pessoas promete e a responsabilidade que a razão e consciência demandam.” Ao comparar as dificuldades do período de Lutero com o momento atual, Westhelle não crê que hoje a realidade das cruzes que se vive seja muito diferente. “A religião segue, muitas vezes como agente alienador; da política e seus alcoses sabemos das nossas experiências com ditaduras; mas é provavelmente na dimensão econômica, que na época de Lutero incluía a sexualidade, onde as condições de vida são produzidas e reproduzidas, que a cruz hoje assume dimensões difíceis de exagerar.” Westhelle é graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo, e mestre e doutor em Teologia, pela Escola Luterana de Teologia de Chicago. De seus vários livros publicados, citamos *O Deus Escandaloso. O uso e abuso da cruz* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Quais as principais lições de Lutero sobre a vida, a dor, o sofrimento e o amor?

Vítor Westhelle - Sem dúvida, é a idéia da radical liberdade do ser humano junto à irrestrita obrigação para com o próximo. Libertação, para ele, é definida por uma relação metabólica entre liberdade e dever. Lutero era um pensador paradoxal, não no sentido de ser contraditório, mas no sentido do que viria a ser chamado de dialética. Para ele, só quem atinge as profundidades sabe como surfar as superfícies. Daí porque disse que sofrimento e gozo, dor e amor são as balizas de uma postura de vida ética.

IHU On-Line - Retomando seu livro *O Deus escandaloso*, sobre o “peso” do símbolo da cruz, qual a importância de uma cruz sem o Cristo crucificado, como é comum ver nas igrejas luteranas?

Vítor Westhelle - A representação da cruz na história do cristianismo é complexa. Somente tornou-se um emblema de identificação do cristianismo depois

do imperador Constantino, no século IV de nossa era. Sua aparição como símbolo é bem tardia e já vem embotada pela aliança entre Igreja e império. O crucifixo, como representação realista da crucificação, só veio a ser usado no século IX. Mas durante o resto da Idade Média seu uso abundou. A reforma, de fato, foi uma ruptura no uso da cruz e do crucifixo. Lutero denunciava que a representação da cruz ou do crucifixo desviava a atenção do próprio evento do Cristo, não só em Jesus de Nazaré, mas na cruz que o povo-Cristo carrega. No entanto, Lutero e seus seguidores diretos não tomaram partido a respeito do uso ou não do crucifixo, como veio a fazer a tradição reformada de Calvino e também a Reforma Anglicana nos seus primórdios no século XVI. A razão para voltar ao uso da cruz, ao invés do crucifixo na tradição reformada, foi uma crítica explícita ao dominante dolorismo na piedade medieval, salientando, com a cruz vazia, a ressurreição. Embora luteranos tenham muitas vezes adotado a mesma postura, optando pela cruz e rejeitando o crucifixo com argumentos similares aos refor-

mados, esta não era a postura de Lutero e seus seguidores diretos.

IHU On-Line - Como Lutero viveu sua cruz e seu sofrimento? Na sua opinião, como os cristãos hoje carregam e vivem sua cruz diária?

Vítor Westhelle - Lutero foi uma pessoa muito terrena. Não acreditava que Deus o havia elegido para uma missão especial, tentou viver a liberdade que o evangelho a todas pessoas promete e a responsabilidade que a razão e consciência demandam. Sua cruz foi a perseguição que sofreu de sua própria Igreja, representada na pessoa do Papa e de seus mandatários de então, e do império. Ele, de fato, agradecia a seus inimigos políticos e religiosos pelas tribulações que passou, pois, disse, “isso me fez um ótimo teólogo”. Mas se preocupava mais pela cruz que outros viviam e nela encontrava ao Cristo encarnado. Para ele, eram três formas que esta cruz tomava. Primeiro, era a cruz imposta pela própria Igreja; segundo, era a cruz dos que eram politicamente perseguidos; e, nas duas últimas décadas de sua vida, preo-

cupou-se particularmente pela opressão e marginalização econômica, em uma época em que o capitalismo financeiro impunha seu domínio. Não creio que, hoje, a realidade das cruces que se vive seja muito diferente. A religião segue, muitas vezes como agente alienador; da política e seus alcosos sabemos das nossas experiências com ditaduras; mas é provavelmente na dimensão econômica, que na época de Lutero incluía a sexualidade, onde as condições de vida são produzidas e reproduzidas, que a cruz hoje assume dimensões difíceis de exagerar.

IHU On-Line - Como a figura histórica de Lutero e seu pensamento teológico são discutidos nas universidades hoje? Qual o conhecimento que os jovens alunos têm de Lutero quando chegam à academia?

Vitor Westhelle - Há Lutero que é o emblema e o mito e há a pessoa histórica e sua teologia. Na academia, estudantes vêm com o emblema na mochila e são amiúde surpresos pela teologia e biografia que encontram. O emblema oferece uma identidade; a pessoa e seu pensamento abrem as portas à liberdade.

IHU On-Line - Qual o peso do protestantismo no cenário religioso norte-americano?

Vitor Westhelle - O cenário é complexo. Nas últimas décadas, os católicos têm ganhado território geográfico, em grande medida pela migração do Caribe, do México e do resto das Américas. O protestantismo tradicional e denominacional (batistas, episcopais, reformados, presbiterianos, luteranos, metodistas e por aí fora), que dominava o contexto norte-americano há um século, agora se encontra em recesso. Cresce o evangelicalismo,¹ sem afiliação denominacional, frequentemente de orientação pentecostal e carismática.

IHU On-Line - Quais os principais temas de debate em relação à sociedade, que mais desafiam a identidade evangélico-luterana nos dias de hoje?

¹ **Evangelicalismo:** concepção originária de “evangélico”, é um movimento teológico originário do protestantismo, mas que não se limita a ele, crendo na necessidade de o indivíduo passar por uma experiência de conversão (“nascer de novo”, “aceitar Jesus”) e que adota a Bíblia como única base de fé e prática. (Nota da IHU On-Line)

Como se discute, nesse sentido, a partir do pensamento de Lutero, questões como a homossexualidade dentro da Igreja?

Vitor Westhelle - O principal tema para debate é a migração do luteranismo do seu berço original (Europa) e adotado (EUA). Há meio século, por volta de 90% dos luteranos se encontrava no eixo norte-atlântico. Hoje, esse número não chega a 60%. E, a seguir, a tendência, em mais dez anos, é de que a maioria dos luteranos estará alocada no hemisfério sul. O deslocamento demográfico é em si importante porque novas questões teológicas surgem e que são primeiramente de ordem econômica, o que ainda, no Terceiro Mundo, não pode ser dissociado da sexualidade e da reprodução biológica. O luteranismo cresce na África e, em segundo lugar, na Ásia (muito pouco na América Latina). A questão da sexualidade precisa ser tratada teologicamente no contexto da produção e da reprodução da vida como estas são vistas nestes novos cenários do luteranismo mundial. No entanto, mais importante ainda é que o luteranismo do século XXI estará em contextos geográficos em que será uma denominação cristã, entre muitas outras e ademais frequentemente inseridas em contextos em que o cristianismo é minoria, como em partes de África e em toda Ásia.

IHU On-Line - Quais as bases do ensinamento de Lutero sobre a vocação ministerial?

Vitor Westhelle - Lutero argumentava que o batismo era a única base necessária à vocação ministerial. Mas ele fazia uma distinção entre esta vocação universal e a atribuição da tarefa específica de exercitá-la publicamente. A segunda é atribuída pela ordenação ministerial que autoriza a pessoa a anunciar a palavra, denunciar a injustiça e celebrar a comunhão publicamente. Esta “autorização”, no entanto, é de responsabilidade de uma comunidade específica e perdura enquanto este chamado for considerado legítimo pela comunidade que a autorizou, podendo esta ser uma vila, um estado, uma nação, ou toda família de uma confissão. A questão central é que não existe, sob a perspectiva luterana, uniformidade ministerial enquanto a unidade é afirmada. Esta é uma visão da Igreja diferente do que encontramos na Igreja

de Roma ou nas Igrejas independentes (pentecostais, evangélicas ou carismáticas). A Igreja Católica Romana afirma a uniformidade como base da unidade. As outras Igrejas mencionadas afirmam a pluralidade de sua própria identidade sem unidade. Há méritos em todas estas propostas eclesiais, mas elas são definitivamente distintas.

IHU On-Line - Podemos estabelecer alguma relação entre as figuras históricas de Lutero e Frida Kahlo,² aproveitando a outra entrevista que o senhor nos concedeu?

Vitor Westhelle - Frida era séria e brincava. Sua arte alegórica seria extremamente bem-vinda nas famosas noites de Lutero com seus amigos à mesa de jantar – e as receitas seriam as dela. Este “ser sério” de Frida e “brincar” é o equivalente da proposta de Lutero de que a vida deve ser balizada por responsabilidade e liberdade. Aliás, foi ele quem escreveu uma carta a Melanchthon,³ seu fiel colaborador, quando este defendia a confissão dos seguidores de Lutero em Ausburgo – o reformador lá não podia estar pessoalmente, por motivo de ser um território inimigo à reforma e a sua cabeça estar lá a preço. Na carta de 1530, ele diz o seguinte: “A Deus não há um culto maior e mais digno do que o puro ócio”. O ócio é brincadeira, às vezes até safadeza, que Frida conhecia tão bem e com a qual alegrava as suas festas. Chego a achar que Frida e Lutero são gêmeos separados em um parto que levou 400 anos.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Vitor Westhelle. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu:

Entrevista:

* “Frida nos deixa sem jeito”, publicada na IHU On-Line número 227, de 09-07-2007, cujo tema de capa é *Frida Kahlo 1907-2007. Um olhar de teólogos e teólogas*.

² **Frida Kahlo (1907-1954):** pintora mexicana. A ela, a IHU On-Line dedicou o número 227, intitulado *Frida Kahlo. 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos*, disponível para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

³ **Philipp Melanchthon (1497-1560):** reformador alemão, colaborador de Lutero. Redigiu a Confissão de Augsburgo (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte do próprio Lutero. (Nota da IHU On-Line)

Lutero, pai da modernidade, visto por Nietzsche

Para Marcio Gimenes de Paula, se Lutero é um monge ressentido, como sugerido por Nietzsche, também é um tipo psicológico interessante e uma personalidade que divide a história da cristandade ocidental

POR MÁRCIA JUNGES

Uma das críticas mais cáusticas a Lutero foi-lhe endereçada por Friedrich Nietzsche, sobretudo em *O anticristo*, obra de 1888 na qual o filósofo chama-o de “monge ressentido”, acusando-o de abortar a Renascença e promover a Reforma quando o cristianismo estava prestes a sucumbir. “Lutero não foi capaz de enxergar que o cristianismo eclesiástico era um sistema que precisa de acordos para manter a sanidade dos corpos e mentes, por isso Lutero representa, aos olhos de Nietzsche, um passo atrás num processo que o próprio cristianismo parecia abolir”, refletiu o filósofo Márcio Gimenes de Paula. Contudo, pondera, “se Lutero é um monge ressentido, tal como preconizou Nietzsche, ele também é um tipo psicológico profundamente interessante, alguém que divide a história da cristandade ocidental e sem o qual não haveria a filosofia alemã”. Em sua opinião, “a crítica nietzschiana ajuda a pensar melhor na herança humanística do cristianismo ocidental, mas, como o próprio Nietzsche dizia, o sangue dos teólogos e dos filósofos está misturado na Alemanha e isso parece ser muito profundo”.

Segundo Gimenes de Paula, “se Nietzsche será um crítico da modernidade, Lutero é o seu pai. Logo, a crítica nietzschiana deseja atingir o fundamento da modernidade, por isso atinge Lutero e todos os ideais do que depois se constitui na modernidade”. Entre as críticas a Lutero, o pesquisador aponta para a centralidade da Bíblia por ele conferida, o que poderia “ter ajudado na quebra de uma herança humanística importante que a Igreja cultivava” e uma espécie de bibliolatria, “que não parece menos perniciosa do que o apego ao magistério da Igreja; basta ver o que fazem os grupos fundamentalistas hoje”. Cabe se questionar, entretanto, se foi o próprio Lutero o culpado por tais equívocos, “ou se isso é obra dos seus seguidores”.

A entrevista foi concedida por e-mail para a revista IHU On-Line. Márcio Gimenes de Paula leciona na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduado em Teologia, pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente, e em Filosofia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde cursou mestrado e doutorado em Filosofia. Sua tese intitulou-se *A crítica de Kierkegaard à cristandade: o indivíduo e a comunidade*. No XIII Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), ocorrido de 6 a 10 de outubro em Canela, apresentou a pesquisa *Duas interpretações da importância de Lutero para a filosofia alemã: Hegel e Heine*.

IHU On-Line - Em linhas gerais, como Lutero influenciou a filosofia alemã?

Marcio Gimenes de Paula - Rigorosamente falando, não se pode falar em filosofia alemã, isto é, pelo menos da filosofia moderna que conhecemos de autores como Kant,¹ Hegel² e tantos outros, sem citar Lutero.

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado os *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. (Nota da IHU On-Line)

2 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo ale-

A redescoberta do indivíduo e a questão da interioridade levantadas por ele são centrais para tudo o que vem depois. Por isso, não é sem propósito que Nietzsche³ vai ai

mão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo

dizer que Lutero é o nosso (no caso deles, os alemães) primeiro filósofo.

alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - E, no caso de Hegel e Heine, em específico, qual foi a sua contribuição para o pensamento desses dois filósofos?

Marcio Gimenès de Paula - Para Hegel, Lutero é um dos pontos centrais da modernidade alemã. Com ele começa não apenas uma reforma da Igreja, mas uma reforma das instituições e de todo um modo de pensar que vai mudar a face do Ocidente. Tal tese pode ser claramente observada quando lemos, na *Lições sobre a História da filosofia universal*, o quanto Hegel prezava Lutero, dando-lhe, inclusive, o *status* de um dos formadores da mentalidade germânica. Já Heine,⁴ célebre romancista e autor que tanto influencia Nietzsche, irá traçar com clareza tal panorama num livro tão importante quanto delicioso: *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*. Seu estilo irônico e sua prosa leve não deixam de dar a Lutero um importante lugar no pensamento ocidental. Contudo, ele aponta também críticas ao reformador, observando que ele, por exemplo, não teria enxergado questões mais profundas ligadas ao universo eclesiástico católico e ao seu trato com o poder.

IHU On-Line - Quais eram as principais críticas que Nietzsche endereçou a Lutero?

Marcio Gimenès de Paula - Lutero, para Nietzsche, é um tipo psicológico, mas é também um monge ressentido. O que temos que, talvez, pensar é que se Nietzsche será um crítico da modernidade, Lutero é o seu pai. Logo, a crítica nietzschiana deseja atingir o fundamento da modernidade, por isso atinge Lutero e todos os ideais do que depois se constitui na modernidade. Se pensarmos que a principal crítica está na genealogia da modernidade, estamos na pista correta.

IHU On-Line - Qual é a atualidade dessas críticas?

Marcio Gimenès de Paula - Acho que

4 Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856): foi um importante poeta romântico alemão. Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por vários compositores notáveis como Robert Schumann, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, Richard Wagner e, já no século XX, por Hans Werner Henze e Lord Berners. (Nota da IHU On-Line)

elas são profundamente atuais e, inclusive, ajudaram tanto cristãos como não-cristãos a pensar melhor acerca de suas posições. Se Lutero é um monge ressentido, tal como preconizou Nietzsche, ele também é um tipo psicológico profundamente interessante, alguém que divide a história da cristandade ocidental e sem o qual não haveria a filosofia alemã. Acho que a crítica nietzschiana ajuda a pensar melhor na herança humanística do cristianismo ocidental, mas, como o próprio Nietzsche dizia, o sangue dos teólogos e dos filósofos está misturado na Alemanha, e isso parece ser muito profundo. Tal coisa merece boas investigações.

“A redescoberta do indivíduo e a questão da interioridade levantadas por Lutero são centrais para tudo o que vem depois”

IHU On-Line - Poderia comentar, em específico, a afirmação de Nietzsche de que Lutero perdeu a grande chance de evitar a decadência alemã quando impediu a Renascença?

Marcio Gimenès de Paula - Há uma curiosa passagem do *Anticristo*, na qual Nietzsche afirma que o reformador alemão era um monge ressentido e que, com todos os instintos de um monge ressentido, chega em Roma e se depara com as belas construções promovidas pelos papas. O que isso significa? Para Nietzsche, significa que o Renascimento venceu e o que o cristianismo foi superado na sua própria sede. O que deveria Lutero fazer no entender nietzschiano? Agradecer a Deus por tal coisa. Contudo, o que ele faz? Volta para a Alemanha e ajuda a promover a Reforma. Note que, por detrás de toda a ironia, há uma crítica aguda: Lutero não foi capaz de enxergar que o cristianismo eclesiástico era um sistema que precisa de acordos para manter a sa-

nidade dos corpos e mentes. Por isso, ele representa, aos olhos de Nietzsche, um passo atrás num processo que o próprio cristianismo parecia abolir.

IHU On-Line - Até que ponto a crítica nietzschiana ao luteranismo está baseada no ambiente familiar com o qual conviveu?

Marcio Gimenès de Paula - Sempre tenho um certo receio com essas questões biográficas. Acho que a biografia não pode ser riscada da vida de um pensador, mas não acredito que ela deva ser valorizada como fator único ou imprescindível. É certo que muito do que Nietzsche fez se deveu ao fato dele ser proveniente de um lar luterano. Contudo, penso que essa seja uma característica de vários dos pensadores pós-hegelianos, isto é, eles começam na teologia, transitam pela literatura e acabam na política. Nietzsche não acaba na política, muito pelo contrário, mas tem toda a característica do tipo pós-hegeliano da época, tal como gosta de enfatizar Karl Löwith. Por isso, acho que o mais prudente aqui é tentar entender o contexto integral e não apenas se deixar levar pela explicação mais simples de que tudo que Nietzsche fez se deve ao fato dele ter vindo de uma família luterana.

IHU On-Line - Em seu ponto de vista, quais seriam as suas críticas a Lutero?

Marcio Gimenès de Paula - A primeira coisa que precisamos separar seria Lutero e luteranismo. Não estou muito convencido de que hoje eles estão tão separados assim. Feito isso, penso que Lutero, enquanto indivíduo e tipo psicológico, representa o símbolo de toda uma nação. Contudo, acredito que dois pontos fracos talvez podem ser apontados. O primeiro: ao apontar para a centralidade da Bíblia, Lutero pode ter ajudado a quebrar de uma herança humanística importante que a Igreja cultivava. O segundo ponto fraco seria: ao colocar a Bíblia como central, Lutero pode ter contribuído para uma espécie de *bibliolatria*, que não parece menos perniciosa do que o apego ao magistério da Igreja; basta ver o que fazem os grupos fundamentalistas hoje. Contudo, não sei se Lutero foi, ele próprio, o culpado de tais equívocos, ou se isso é obra dos seus seguidores.

Lutero. Doutor da Igreja e mestre espiritual

Para o teólogo italiano Fulvio Ferrario, seria anacrônico julgar Lutero com critérios moldados pela nossa experiência atual

POR GRAZIELA WOLFART

A relação entre Martinho Lutero e Thomas Müntzer é lembrada sempre pelo lamentável episódio da Guerra dos Camponeses. “Essa tragédia tornou-se um símbolo das dificuldades, para os reformadores também, de manter juntas a liberdade concedida pelo Evangelho e a liberdade política e mundana.” A opinião é do teólogo italiano Fulvio Ferrario, que concedeu por e-mail, para a **IHU On-Line**, a entrevista a seguir. Para ele, “Lutero desempenhou, por muitas razões, um papel extremamente problemático”. No entanto, contrapõe, “isso não quer dizer que outros homens (como o Papa, por exemplo) estiveram, na época, mais abertos ao movimento camponês”. Fulvio Ferrario, teólogo italiano, é professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia de Roma. Nascido em uma família católica, estudou Filosofia na Università Cattolica di Milano, tendo como tema de sua tese o pensamento de Hans Küng. Também estudou Teologia em Roma, em função de seu ministério pastoral. Em 1993, obteve o doutorado em Teologia em Zurigo. Neste período, sua pesquisa, focada no serviço pastoral, em particular a Teologia da Reforma, lhe motivou a estudar o Catecismo de Lutero. Tem interesse também pela Teologia de Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer. De seus vários livros publicados, citamos o mais recente *Tra crisi e speranza* (Torino: Claudiana, 2008).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Como a relação entre Martinho Lutero e Thomas Müntzer¹ modificou a história do protestantismo?

Fulvio Ferrario - Sem dúvida nenhuma, esta tragédia acabou terminando com a possibilidade de uma melhora na colaboração entre Lutero e os príncipes. Por outro lado, tornou-se um símbolo das dificuldades, para os reformadores também, de manter juntas a liberdade

concedida pelo Evangelho e a liberdade política e mundana.

IHU On-Line - Como a revolta dos camponeses prejudica a imagem de Lutero?

Fulvio Ferrario - Como eu já disse, foi uma tragédia, e Lutero desempenhou, por muitas razões, um papel extremamente problemático. Isso não quer dizer que outros homens (como o Papa, por exemplo) estiveram, na época, mais abertos ao movimento camponês.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre a ética mundial² proposta por Hans Küng³ e a ética

2 Ética mundial: sobre o tema, confira a edição 240 da **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com

pregada por Lutero?

Fulvio Ferrario - Falando francamente, não vejo nenhum meio de comparação. Talvez alguém pudesse lembrar o chamado “uso político” da Lei de Deus, de Lutero. Neste sentido, a Lei estabelece limites para o caos, ajudando a sociedade a sobreviver e a se organizar. De acordo com Küng, há “valores humanos”, que podem desempenhar o mesmo papel na formulação de uma comunidade universal hoje.

a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões. Escreveu, entre outros, *Projeto de ética mundial, A igreja Católica, e Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng – Ciência e fé – Por uma Ética Mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Em 20-10-2008 foi fundado o primeiro Escritório de Ética Mundial em terras brasileiras, sediado no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ Thomas Müntzer (1489-1525): sacerdote do início da Reforma Protestante. Juntou-se à Reforma de Martinho Lutero, tendo-se tornado pastor em Zwickau em 1520, com a recomendação de Lutero. Lutero, no entanto, não foi tão longe como Müntzer, que cortou relações em 1521 por divergências quanto ao batismo de crianças, entre outros assuntos, tendo fundado a sua própria seita religiosa. Por esta razão, Müntzer é considerado um dos fundadores do Movimento Anabatista. Foi expulso de Zwickau pelas autoridades em 1521. No ano seguinte, envolveu-se numa disputa com Lutero. Em 1523, casou-se com uma antiga freira e tornou-se o pastor de Allstadt, onde pregou até 1524, quando tornou-se um dos líderes das revoltas que ficaram conhecidas como a Guerra dos Camponeses. Sob tortura, abjurou o protestantismo para não ser queimado, sendo decapitado em 27 de Maio de 1525. (Nota da **IHU On-Line**)

“O Evangelho é mais importante do que a diplomacia da Igreja”

IHU On-Line - Quais as críticas que você faz a Lutero? Quais os maiores problemas em relação à maneira com ele conduziu a Reforma Protestante?

Fulvio Ferrario - Seria anacrônico julgar Lutero com critérios moldados pela nossa experiência atual. Ele é simplesmente um grande doutor da Igreja e um mestre espiritual. Eu não seria capaz de nomear outra pessoa, além de Santo Agostinho talvez, que tenha dado tamanha contribuição para a formação da pregação da Palavra de Deus.

IHU On-Line - Quais as principais bases da teologia de Lutero e do seu Catecismo?

Fulvio Ferrario - 1) O papel da Palavra de Deus como um “dom crítico” para a Igreja e para o mundo; 2) a mensagem da graça, na forma paulina da justificação somente pela fé.

IHU On-Line - Há semelhanças entre a teologia de Lutero e a teologia de Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer?

Fulvio Ferrario - Bonhoeffer foi um ótimo luterano, o que também significa que ele foi crítico. Barth aprendeu muito com Lutero, mas, como afirmou Gerhard Ebeling,⁴ “brigou” com ele também.

IHU On-Line - Que lições de Lutero podemos utilizar ainda hoje quando o assunto é ecumenismo?

Fulvio Ferrario - Boa pergunta, de fato. Gostaria de mencionar dois pontos: 1) O Evangelho é mais importante do que a diplomacia da Igreja; 2) Mas (não contra Lutero, apenas para uma nova atitude nas relações ecumênicas) alguém precisa colocar toda a paixão na escuta das outras igrejas sobre a compreensão do próprio Evangelho.

⁴ Gerhard Ebeling (1912-2001): teólogo alemão evangélico, considerado um dos grandes representantes da teologia hermenêutica do século XX. (Nota da IHU On-Line)

Lutero e os mitos

Vanderlei Defreyne acredita que o teólogo alemão foi importante num determinado momento no desenvolvimento que levou ao mundo moderno, mesmo que suas propostas não tenham relevância atualmente e que ele não tenha sido o fundador da escola popular

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“Lutero representou uma renovação não só em função das igrejas protestantes que surgiram a partir da Reforma, mas também em função da renovação que surgiu dentro da própria Igreja Católica.” É dessa forma que o pastor Vanderley Defreyne define a importância de Martinho Lutero na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Defreyne descreve Lutero como figura histórica e fala sobre a questão da educação a partir do teólogo alemão, defendendo que “Lutero entendia a educação como a arte de reger crianças e levá-las a fazer o papel social que lhes cabia dentro de seu estamento”. Defreyne condena a heroicização feita sobre a figura de Lutero e, sobre ela, afirma que “o problema, no entanto, não está em Lutero e sim na maneira como nós lidamos com a história”. Na sua opinião, a tradição escolar luterana assume a forma de uma “tradição inventada”, com direito a um “mito de origem”, quando se usa o argumento “de que ela teria surgido por uma democratização do saber religioso, feita a partir do desejo de Lutero de que todos aprendessem a ler para poderem ler a Bíblia que ele traduziu para o alemão”. E dispara: “Por mais que as idéias de Lutero tivessem sido boas, na prática, geralmente se realizava aquilo que fosse do interesse das forças políticas ou tivesse relevância econômica. Importante é não se deixar levar por esta perspectiva idealista, de achar que as idéias por si só determinaram os rumos da História”.

Vanderlei Defreyne é mestre em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo. Seu tema de pesquisa é a educação na Reforma. Atualmente, é doutorando na Universität Würzburg, da Alemanha. Sua dissertação de mestrado resultou na publicação do livro *A tradição escolar luterana: sobre Lutero, educação e a história das escolas luteranas até a Guerra dos Trinta Anos* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).

IHU On-Line - Em que sentido Lutero influenciou a constituição da Igreja Cristã?

Vanderlei Defreyne - Sua influência mais evidente reside no fato de que depois de Lutero já não se pode mais falar da “Igreja Cristã”, como era o caso na Idade Média, e sim de Igrejas Cristãs. Apesar de que esta

não era a sua intenção, o movimento deflagrado por Lutero acabou com a unidade da Igreja Cristã no mundo ocidental, algo que determinou de forma decisiva a história ocidental nos séculos seguintes. Por exemplo, a maior guerra antes da Primeira Guerra Mundial foi a Guerra dos Trinta Anos, de 1618-1648,

que tinha um pano de fundo religioso. Por outro lado, Lutero representou uma renovação não só em função das igrejas protestantes que surgiram a partir da Reforma, mas também em função da renovação que surgiu dentro da própria Igreja Católica, como aconteceu no Concílio contra-reformatório de Trento (1545-1563).

IHU On-Line - O que Lutero entendia por educação? Como o senhor descreve o educador Lutero?

Vanderlei Defreyne - A historiografia protestante liberal procurou transformar Lutero num peregrino da educação moderna, que visa ao desenvolvimento da autonomia do indivíduo em respeito à sua individualidade. Tudo isso não passava pela cabeça de Lutero. As suas concepções educacionais são, por um lado, medievais e, por outro lado, influenciadas pelo Humanismo. Como era o caso na Idade Média, Lutero entendia a educação como a arte de reger crianças e levá-las a fazer o papel social que lhes cabia dentro de seu estamento. Influenciado pelos humanistas, ele achava que a educação deveria desenvolver no ser humano capacidades como o bem falar e o pensar e, em termos de método, evitar castigos corporais e privilegiar o caráter lúdico da aprendizagem. Mas também estas propostas de caráter mais liberal de Lutero não podem ser superdimensionadas. Por exemplo, quando se tratava de aprender o catecismo, Lutero era a favor do uso da vara e da coação para crianças que não se mostrassem cooperativas. Nada anormal para um ser humano que vivia no fim da Idade Média. O problema é a tendência de se avaliar personagens históricos a partir de nossas expectativas atuais e de nossa necessidade de buscar no passado heróis ou vilões. Infelizmente, tive que constatar que pessoas com curso superior, depois que leram o livro em que critico esta heroicização feita sobre a figura de Lutero, ficaram indignadas e passaram a ter uma atitude de denúncia em relação ao reformador, já que ele não correspondia às expectativas criadas em torno dele. O problema, no entanto, não está em Lutero e sim na maneira como nós lidamos com a história.

IHU On-Line - O senhor diz que o primeiro efeito do movimento liderado por Lutero sobre a educação foi devastador. Depois da Reforma, que mudanças ocorreram no sistema educacional alemão? Em que sentido Lutero impulsionou a valorização da educação escolar?

Vanderlei Defreyne - Foi devastador, principalmente em relação às escolas latinas, em função de um efeito não desejado pela crítica de Lutero à vida religiosa da época. Houve várias razões, como o fato de que a crítica de Lutero à vida monástica levasse ao fechamento das escolas que ali funcionavam. Mas ressalto um caráter prático para esta crise: na Idade Média, em geral, se ingressava numa escola latina, porque havia boas possibilidades de se fazer uma carreira eclesiástica. Com a Reforma, isso mudou, e as escolas latinas perderam a atratividade. Como acontece hoje em dia, na época, a maioria das pessoas era mais determinada por questões de sobrevivência do que por princípios religiosos. A idéia de que, com a Reforma, as pessoas queriam aprender a ler e escrever em alemão, para poderem ler a Bíblia que Lutero traduziu, tem muito de mito. Nos primeiros anos da Reforma, o esforço consistia em fundar escolas para formar pastores e funcionários para o Estado em formação. O fator religioso tinha um papel, mas, na prática, isso só dava certo se houvesse um interesse político por trás. Depois da Paz de Augsburg,¹ em 1555, houve um grande esforço para o estabelecimento de escolas, não só para pastores, mas para as crianças em geral. Isto aconteceu também nos Estados que permaneceram católicos, e não deve ser romantizado: por trás desta iniciativa, havia uma nova preocupação dos príncipes, que agora precisavam que seus súditos fossem catequizados na confissão por eles adotada; era um problema que antes da Reforma não havia. E não

¹ Paz de Augsburg: foi um tratado assinado entre Carlos I, então Rei da Espanha e Imperador do Sacro Império Romano, e as forças da Liga de Esmalcada. Era uma aliança defensiva de príncipes protestantes do Sacro Império Romano, em 25 de Setembro de 1555 na cidade de Augsburg, na atual Alemanha. O resultado da Paz de Augsburg foi o estabelecimento da tolerância oficial dos luteranos no sacro império romano. (Nota da IHU On-Line)

apenas a fidelidade dos súditos, mas a necessidade de sua disciplinarização interessava. Ou seja, no centro desta iniciativa, não estava o direito do indivíduo de ter acesso à educação, mas as necessidades do Estado.

IHU On-Line - Em que medida é legítimo pensar em uma tradição escolar luterana? De que maneira as idéias do reformista promoveram mudanças no sistema escolar alemão?

Vanderlei Defreyne - Que exista uma tradição escolar luterana, não pode se contestado. A existência de escolas evangélicas luteranas no Brasil é uma prova disso. A questão é que ela assume a forma de uma “tradição inventada”, com direito a um “mito de origem”, quando se usa o argumento de que ela teria surgido por uma democratização do saber religioso, feita a partir do desejo de Lutero de que todos aprendessem a ler para poderem ler a Bíblia que ele traduziu para o Alemão. Provavelmente, Lutero teria achado esta idéia maravilhosa, mas, como ele tinha um senso de realidade bastante aguçado, certamente não passava pela cabeça dele que isso pudesse ser realizado. O complexo processo cultural, que séculos depois levou a uma valorização da educação escolar nos estados protestantes, tem certamente a ver com o fato de que um livro, a Bíblia, e a prática do cântico comunitário, que exige que todos consigam ler o texto da música, exerceram um papel importante desde o início na Igreja Luterana. Mas, no século XVI, isto certamente não produziu um povo luterano consciente da necessidade de alfabetização por motivos religiosos. Uma tentativa de explicação é que no século XVI foi criada uma elite de pastores que nos séculos seguintes, em associação com o Estado, teve êxito em criar uma identidade luterana, da qual fazia parte saber ler. Com o tempo, também através do uso de métodos de coação, conseguiu-se que os membros e súditos internalizassem esta identidade.

IHU On-Line - Como essas transformações foram redirecionadas em outros países?

Vanderlei Defreyne - As Reformas es-

colares propostas por Lutero eram diretamente ligadas à organização da nova Igreja que surgia na Alemanha. Se ela teve repercussão em outros países, foi só de forma indireta, através de outros ramos do protestantismo. Em países como Inglaterra, Escócia e França, o calvinismo foi mais influente. Importante é ressaltar que, por mais que as idéias de Lutero tivessem sido boas, na prática, geralmente se realizava aquilo que fosse do interesse das forças políticas ou tivesse relevância econômica. Importante é não se deixar levar por esta perspectiva idealista, de achar que as idéias por si só determinaram os rumos da História.

IHU On-Line - As propostas sugeridas por Lutero ao constituir um sistema escolar protestante, ainda são pertinentes na sociedade contemporânea?

Vanderlei Defreyn - Suas propostas certamente não, já que as realidades são completamente diferentes. Alguns princípios subjacentes às suas propostas certamente sim. Por exemplo, a insistência de Lutero, certamente por influência do Humanismo, de que a educação não fosse determinada apenas por motivos práticos, relacionados ao exercício de uma profissão. Lutero estava atento a esta necessidade prática, mas apontava para o fato de que a educação deveria se preocupar também em enriquecer o ser humano e desenvolver nele capacidades que o “embelezem” culturalmente e o tornem mais humano. Eu poderia citar outros elementos que certamente têm uma grande relevância para pessoas de confissão luterana, que constroem sua identidade religiosa em diálogo com Lutero. No entanto, creio que seja mais importante ressaltar o fato de que, em termos educacionais, o significado de Lutero foi histórico, ou seja, ele foi importante num determinado momento no desenvolvimento que levou ao mundo moderno. Mesmo que suas propostas não tenham relevância atualmente e mesmo que ele não tenha sido o fundador da escola popular, como alguns historiadores do século XIX queriam, este mérito não lhe deve ser tirado.

Lutero e a valorização do ser humano

O pastor Darci Drehmer fala sobre o desafio de traduzir as obras do teólogo alemão

POR GRAZIELA WOLFART

“A Reforma desencadeada por Lutero representou um divisor de águas e movimentou o mundo religioso, cultural, político e econômico da Europa.” A opinião é do pastor Darci Drehmer, editor da Comissão Interluterana de Literatura – CIL, que é responsável pela coleção “Martinho Lutero – Obras selecionadas”, o maior projeto de tradução e edição dos escritos de Lutero já realizado em português. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, Darci Drehmer explica que, sob o aspecto religioso, Lutero esclareceu o que significa a verdadeira espiritualidade. “Não é aquela que se vive enclausurada nos conventos, mas é a que se pratica dia-a-dia.” No entanto, esclarece, “se, por um lado, Lutero acentua a horizontalidade da piedade, por outro, ele não esquece o lado vertical, de que é preciso esfolar os joelhos, rezando. Defende que a piedade tem duas dimensões – *ora et labora*, ora como se tudo dependesse de Deus e trabalha como se tudo dependesse de você”. E, sobre o trabalho de tradução dos escritos do teólogo alemão, Drehmer confessa que “obras antigas nem sempre são fáceis de serem versadas para a nossa realidade. O mundo cultural de Lutero era totalmente diferente do nosso”.

O pastor Darci Drehmer é graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo. Foi pastor em Santa Maria, município do Rio Grande do Sul, atuou na EST como orientador de estudos e foi capelão do Exército no quartel general de Porto Alegre, onde se aposentou como coronel. Desde então, é editor da CIL.

IHU On-Line - Qual a maior riqueza das obras de Lutero, que justificam o esforço da tradução de tantos volumes pela Comissão Interluterana de Literatura?

Darci Drehmer - A Reforma desencadeada por Lutero representou um divisor de águas e movimentou o mundo religioso, cultural, político e econômico da Europa. Lutero rebelou-se, em primeiro lugar, contra abusos que viu dentro da própria Igreja. Mas não ficou nisso. Em suas obras, como consequência de sua descoberta teológica, de que a pessoa é justificada pela fé e não por obras, pôs às claras uma série de distorções, denunciou-as e as divul-

gou para que o povo tomasse conhecimento delas. Manifestou-se, por exemplo, contra o analfabetismo, propondo que todas as crianças tivessem acesso ao ensino. Dirigiu-se às autoridades para que instituíssem e mantivessem escolas. Escreveu aos pais para que mandassem seus filhos à escola. Todas as pessoas deveriam ter condições para ler a Bíblia. Uma das suas primeiras medidas foi traduzir a Sagrada Escritura para a língua alemã, a fim de que todos pudessem lê-la e entendê-la. No campo da economia, manifestou-se violentamente contra a usura, isto é, contra a cobrança abusiva de juros. Especificamente, sob o aspecto religioso,

esclareceu o que significa a verdadeira espiritualidade. Não é aquela que se vive enclausurada nos conventos, mas é a que se pratica dia-a-dia. Exemplifica: piedosa é a empregada que tira leite das vacas, é a mãe que cuida dos filhos e se dedica às panelas na cozinha; piedoso é o príncipe que governa com justiça, é o soldado que luta para defender a Pátria... Se, por um lado, Lutero acentua a horizontalidade da piedade, por outro, ele não esquece o lado vertical, de que é preciso esfolar os joelhos, rezando. Defende que a piedade tem duas dimensões – *ora et labora*, ora como se tudo dependesse de Deus e trabalha como se tudo dependesse de você!

IHU On-Line - Qual a especificidade e os maiores desafios que o senhor gostaria de destacar em relação ao trabalho de tradução das obras de Lutero?

Darci Drehmer - Obras antigas nem sempre são fáceis de serem versadas para a nossa realidade. O mundo cultural de Lutero era totalmente diferente do nosso. Ele próprio fala dessa dificuldade. Para compreendê-lo, nada melhor do que perceber sua própria manifestação. Interpretando Lucas 1.28 – “salve Maria, cheia de graça” –, pondera: “... assim se traduziu até agora... Isso é bom alemão?... Qual é o patricio que vai entender o que significa “cheia de graça”? Ele vai pensar num barril cheio de cerveja ou num saco cheio de dinheiro; por isso eu traduzi: ‘graciosa’ [*holdselige*] (*Obras selecionadas* vol. 8, p. 212). Mais adiante, na mesma obra, propõe que, muitas vezes, “tenho que abrir mão das letras e pesquisar como é que o alemão diz aquilo...”. A linguagem de Lutero é muito plástica, falava e escrevia com os pés no chão. Como admirador de Cícero,¹ era um excelente orador, comunicava-se muito bem. Para ilustrá-lo, mais um exemplo. No *Catecismo maior*,² ele explica o oitavo

¹ Marco Túlio Cícero, em latim Marcus Tullius Cicero (106 a.C. - 43 a.C.): foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. (Nota da IHU On-Line)

² O *Catecismo Maior* de Lutero consiste em obras escritas por Martinho Lutero e de textos canônicos, publicados em 1529. Este livro era/ é destinado especialmente aos ministros e pastores para ajudá-los a ensinar suas congregações. Ele e outros documentos de fé dos Lute-

ramentos – “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo”. Neste contexto, ele usa uma expressão, em alemão da época Reuchst Du den Braten, numa tradução não muito feliz... “estás percebendo a coisa?”. Que tal se fosse assim: “Estás sentindo o cheiro do churrasco”. Quanta plasticidade, principalmente, para o povo gaúcho, dado ao churrasco de todos os domingos! Trazer essa linguagem plástica de Lutero até os ouvidos dos leitores e dos ouvintes é o nosso maior desafio. Para consegui-lo, é preciso abrir mão, muitas vezes, do sentido literal. Entendo que nenhum tradutor e nenhum orador deveria deixar de ler textos de Lutero para deixar inspirar-se por eles.

IHU On-Line - Como tem sido o retorno dos leitores em relação aos volumes traduzidos e publicados a cada dois anos? O senhor sente que o pensamento de Lutero ainda é atual?

Darci Drehmer - A atualidade das obras de Lutero é inquestionável. Se lembrarmos que o analfabetismo ainda é uma realidade no nosso país e compararmos com que insistência Lutero combatia esta praga, pode-se entender a atualidade do seu pensamento. Outros exemplos de atualidade do pensamento de Lutero podem ser mencionados. Há muito, os brasileiros se queixam da cobrança abusiva de juros e impostos. Também quanto a isso, o reformador se manifestou na época. Seu pensamento vale para hoje. O aspecto mais importante, todavia, parece-me o da valorização do ser humano. Em que consiste o valor da pessoa humana hoje? Somos valorizados pelo que temos e conquistamos. Isso leva a um consumismo desenfreado. Vale mais quem consegue comprar o último modelo de carro lançado no mercado. Neste mundo consumista contrasta a idéia central da Reforma: a pessoa é justificada pela fé e não pelas obras, pelas suas conquistas pessoais. Ela vale pelo valor que lhe é atribuído por Deus. Quando se pergunta por qualidade de vida, Lutero responde que o ser humano tem seu valor intrínseco e não depende de elementos externos,

ranos foram publicados no *Livro de Concórdia* em 1580. A obra foi relançada pela Comissão Interluterana de Literatura (CIL), de São Leopoldo, em 2006. (Nota da IHU On-Line)

do seu consumo e de suas conquistas. Essa é a atualidade de Lutero. Quanto ao retorno dos leitores, percebe-se que as obras de Lutero despertam cada vez mais o interesse de acadêmicos e graduados de diversas áreas do conhecimento humano fora do meio teológico, na política, na economia, na cultura. Em alguns segmentos da sociedade, Lutero continua um ilustre desconhecido ou, no máximo, é considerado um monge rebelde que protestou contra a Igreja e que abandonou o convento porque queria casar. Aos poucos, ele deixa ser um ilustre desconhecido para ocupar o espaço que vem ocupando há quase cinco séculos em muitos países do mundo, principalmente na Europa.

IHU On-Line - Como o senhor faz para ser fiel à mensagem de Lutero nos momentos em que precisa adaptar sua obra na hora da tradução? Há dificuldades nesse sentido?

Darci Drehmer - Respondo com uma queixa do próprio Lutero. No seu ensaio “Da tradução e da intercessão dos santos”, ele se refere à dificuldade que ele próprio encontrou para traduzir. Escreve: “Muitas vezes nos sucedeu ficarmos quatorze dias, três, quatro semanas buscando e perguntando por uma única palavra e, mesmo assim, algumas vezes não a encontramos. Em nosso trabalho em Jó, o M[estre] Filipe, Aurogalo e eu, em quatro dias, às vezes, não conseguimos concluir três linhas. Meu caro, agora que está traduzido e pronto, qualquer um consegue lê-lo e entendê-lo, percorre três ou quatro folhas com os olhos e nem tropeça, mas não se dá conta das pedras e toras que havia ali, onde ele, agora, passa como sobre uma tábua aplainada...” (*Obras selecionadas*, volume 8, p. 210s.). Por que levavam tanto tempo para traduzir poucas páginas? Porque a língua alemã não estava definida. Havia, isso sim, muitos dialetos. Era preciso procurar a palavra certa para que todos os segmentos da sociedade, do mais letrado ao semi-alfabetizado – Lutero não admitia analfabetos! –, entendessem a mensagem. Saía, então, à procura, para saber como o povo falava. Olhava para a boca do povo, como ele

mesmo dizia. Ouvia como se falava no mercado, nas ruas; como a mãe se comunicava com os filhos... Para trazer a linguagem de Lutero para os nossos dias e para o nosso chão, as dificuldades não diminuíram. Como na época da Reforma foi preciso auscultar, hoje é preciso, em primeiro lugar, deslocar-se para o séc. XVI, perceber a mensagem, entender o *spiritus legis* – para usar uma expressão do Direito – e trazer este espírito para o século XXI e, se for o caso, esquecer a letra, isto é, o sentido literal. Importante é que o povo entenda.

IHU On-Line - Qual a importância de Lutero para a língua alemã no que diz respeito ao trabalho dele em traduzir a Bíblia?

Darci Drehmer - A preocupação de Lutero em pôr textos bíblicos à altura da boca e dos ouvidos do povo desencadeou um processo de codificação da língua alemã. Lutero entrou para a história não apenas como reformador da Igreja (e não como defendem alguns, erroneamente, como fundador da Igreja luterana), que redimensionou a espiritualidade, influenciou a política, a cultura, a economia, mas também como codificador ou, como propõem algumas enciclopédias, como criador da língua alemã. O idioma oficial da Alemanha de hoje deve-se, em parte, ao reformador. Digo, em parte, porque, como toda a língua, também a língua alemã é dinâmica e passou por modificações. Diz-se que Martinho Lutero foi o criador da língua e que o poeta Johann Wolfgang von Goethe³ a modernizou. A língua que se fala hoje na Alemanha é a língua de Goethe que teve sua origem em Lutero.

IHU On-Line - Em que medida esse trabalho de tradução da obra de Lutero tem ajudado a conhecer mais da pessoa, do líder, do pai e esposo Lutero, para além do teólogo e do pastor?

³ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da IHU On-Line)

Darci Drehmer - Lutero tinha uma personalidade forte e era impulsivo. Em alguns dos seus escritos, ele se dirige aos seus adversários de forma muito ríspida. Não mede palavras, até mesmo de baixo calão, para dizer-lhes “a verdade”. Mas, por outro lado, também sabia ser carinhoso, especialmente quando se dirigia a pessoas que estavam passando por algum sofrimento. Para confirmá-lo, basta ler suas cartas consolatórias, nas quais consola pessoas doentes ou seus familiares, ou pessoas enlutadas que haviam perdido entes queridos. Como marido e pai, foi muito meigo. Quando se dirige, por exemplo, aos filhos parece não haver pessoa mais carinhosa que ele. Um exemplo disso é uma carta que ele escreve ao seu filho Joãozinho, em 1530, quando lhe expõe as maravilhas do paraíso. Por sua esposa, tinha uma admiração e um carinho muito especiais. Chamava-a, carinhosamente de “Käte” – seu nome era Catarina –, de “minha amada do coração”. Embora vivesse numa sociedade machista e patriarcal, sabia valorizar o seu trabalho. Devido às constantes ausências, cabia à “Käte” administrar a casa. Nesse contexto, dirigia-se a ela nos seguintes termos: “Minha querida dona de casa” – “À minha amada Käte, doutora Lutero etc., senhora no novo mercado de porcos... Querida jovem Käte, graciosa mulher de Zülsdorff (e como V.[ossa] G.[raça] mais possa chamar-se!)”. Lutero adquirira uma propriedade próxima à Wittenberg, em Zülsdorff, onde se cultivavam árvores frutíferas, criavam-se peixes e porcos, daí a referência ao mercado de porcos e à mulher de Zülsdorff). Outro aspecto importante da sua personalidade era a solidariedade. Sua casa estava sempre cheia de hóspedes. Hospedava pessoas necessitadas, principalmente estudantes carentes. Por ocasião de uma epidemia de peste em Wittenberg, por exemplo, recebeu famílias inteiras para alojá-las. Como pessoa solidária e sensível, também recebia, ingenuamente, hóspedes caloteiros. Numa de suas cartas, ele alerta um amigo a respeito de uma “senhora” chamada Rosina von Truchses. Esta apresentara-se como órfã de pai, decapitado por ocasião da revolta dos camponeses.

O bom, ingênuo e hospitaleiro Lutero recebeu-a de braços abertos. Finalmente, quando interrogada, Rosina confessou que sua história era forjada e mostrou sua verdadeira face: tratava-se de uma prostituta, caloteira, que seduzira, até mesmo, hóspedes na casa do reformador.

IHU On-Line - Em que sentido a teologia de Lutero pode ser inspiradora para a missão da Igreja Cristã no século XXI?

Darci Drehmer - Lutero é muito atual. Não há nenhum segmento da sociedade e do mundo sobre o qual não tenha se pronunciado. Tomou posição sobre a família – casamento, educação de filhos, sexualidade. Sobre economia, pronunciou-se a respeito de juros abusivos, sobre agiotagem. Sobre o governo, pleiteava que era o pai da Pátria. Por isso, devia governá-la com justiça e servir os seus filhos e não se deixar servir por eles e explorá-los. Pronunciou-se sobre o lugar e o papel das Forças Armadas e dos soldados. É admirável como suas idéias são atuais. Foi realmente um homem de visão. Não é para menos que isso lhe valeu o terceiro lugar, depois de Cristóvão Colombo⁴ e Gutenberg,⁵ na classificação de personagens do milênio. A nova espiritualidade, com os olhos voltados para o céu, joelhos ralados e os braços estendidos para o próximo é a especialidade da teologia de Lutero. Por sua abrangência e por contemplar a pessoa na sua totalidade, como ser espiritual, biológico e social, a sua teologia pode ser inspiradora da missão da Igreja cristã no século XXI. Além da sua teologia, também a sua capacidade de comunicação, sua linguagem plástica, à altura dos ouvidos e, acima de tudo, do coração do povo, pode inspirar e servir de modelo para o discurso das igrejas históricas.

⁴ Cristóvão Colombo (1437/1448-1506): foi um navegador e explorador que alcançou a América em 12 de Outubro de 1492 sob as ordens dos Reis Católicos da Espanha. Empreendeu a sua viagem através do Oceano Atlântico com o objetivo de atingir a Índia, tendo na realidade descoberto as ilhas das Caraíbas (Antilhas) e, mais tarde, a costa do Golfo do México na América Central. (Nota da IHU On-Line)

⁵ João Gutenberg, ou Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (1390-1468): foi um inventor alemão que se tornou famoso pela sua contribuição para a tecnologia da impressão e tipografia. (Nota da IHU On-Line)

Lutero e seu impacto na educação gaúcha

Gisela Streck descreve a situação da educação na época da imigração alemã e a influência de Lutero nesta área

POR GRAZIELA WOLFART

Não é novidade que os imigrantes alemães, quando chegaram ao Brasil, passaram por dificuldades. E uma delas é em relação à educação de seus filhos. Pois, como lembra a professora Gisela Streck, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, “para os imigrantes protestantes, a primeira (e mais importante) questão era que seus filhos não crescessem analfabetos”. E isso tudo “para que pudessem participar ativamente na vida da comunidade, ler a bíblia, estudar e entender o catecismo”. Gisela faz uma retrospectiva histórica e lembra que “o surgimento de escolas confessionais vinculadas às comunidades protestantes é um traço característico dos estados do sul do Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul”. Sobre a atualidade de Lutero em relação à educação religiosa ministrada nas escolas hoje, Streck acredita que “do pensamento de Lutero permanece a percepção de ser humano como alguém que é digno e merecedor de respeito, como ser criado e amado por Deus. Assim, o ensino religioso na escola confessional é um espaço para dialogar sobre o sentido da vida, para aprender a conviver e relacionar-se, numa postura de abertura e respeito”.

Gisela Streck possui graduação e doutorado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), onde é atualmente professora. Sua tese de doutorado intitula-se *Ensino religioso com adolescentes em escolas confessionais da Igreja Evangélica de confissão luterana no Brasil (IECLB)*. É autora de *Escola comunitária: fundamentos e identidade* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Como a senhora analisa a influência do pensamento de Lutero nas escolas comunitárias fundadas no âmbito da imigração alemã no sul do Brasil?

Gisela Streck - Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Brasil, a partir de 1824, vinham de uma realidade em que o sistema escolar era bem organizado, com ensino gratuito e obrigatório para todos e índice de analfabetismo muito baixo. Por outro lado, os acompanhou, e influenciou suas atitudes e decisões, a certeza de que a educação do povo, o esforço que cada cidadão faz no sentido de desenvolver ao máximo suas capacidades e potencialidades, serve como contribuição para promover a melhoria da sociedade. Na nova pátria, no entanto, enfrentaram uma dura realidade. Na sua maioria, foram colocados em zonas de matas fechadas e com grandes distâncias até as cidades, de modo

que o contato com o povo da terra era mínimo. Enfrentaram dificuldades como cultura e língua diferentes, assim como com a falta de meios para se comunicar com as autoridades provinciais e imperiais na reivindicação de seus interesses. Também enfrentaram dificuldades para educar seus filhos em escolas. Como agricultores, formavam uma classe social que, por sua natureza, não tinha acesso ao ensino secundário, reservado às classes sociais mais abastadas. Como foram assentados em regiões pouco povoadas, longe dos grandes centros, também não tinham acesso às escolas públicas primárias. No interior, o ensino primário era escasso, sem organização e abandonado pelos órgãos públicos que tinham a incumbência de mantê-lo. Desse modo, os próprios imigrantes assumiram a tarefa de providenciar escola para seus filhos. Criaram as associações escolares e construíram as escolas. Para os

imigrantes protestantes, a primeira (e mais importante) questão era que seus filhos não crescessem analfabetos, pois esta condição dificultaria ou até impossibilitaria uma adequada vivência da fé. A necessidade da escola e da alfabetização foi, assim, assumida pelas famílias e pelas comunidades que foram se formando. A grande preocupação foi com a alfabetização de todas as crianças, para que pudessem participar ativamente na vida da comunidade, ler a Bíblia, estudar e entender o catecismo.

IHU On-Line - Em que medida as escolas comunitárias refletem o estilo de vida do povo alemão e luterano e como foi a adaptação ao Brasil no período da imigração?

Gisela Streck - O surgimento de escolas confessionais vinculadas às comunidades protestantes é um traço característico dos estados do Sul do

Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul. Neste estado, se tornou típica a estreita ligação entre escola e comunidade eclesial, encontrando-se escola e igreja juntas num mesmo prédio ou lado a lado. Os professores eram escolhidos do seu meio, ou o pastor da comunidade religiosa assumia também as funções de professor. Essa situação criou laços entre a escola e a comunidade, que se mantiveram até a Segunda Guerra Mundial. O método de ensino era o mesmo usado na Alemanha. Ao professor, cabia toda a autoridade e exigia muita disciplina, respeito, bons modos e obediência. A língua na qual se ensinava era o alemão, apesar de tentativas para aprender o português. As escolas ensinavam a ler, a escrever e fazer contas. Também se ensinava canto, desenho e educação física. Um grande destaque era reservado ao ensino religioso. Nos seus inícios, as escolas não tinham material didático disponível. Os recursos eram limitados, e a maioria dos livros e mapas vinha da Alemanha, retratando uma realidade muito diferente da que alunos e alunas vivenciavam no Brasil. Mas, já em 1832, foi editada uma cartilha para auxiliar na leitura em língua alemã. As avaliações eram realizadas no final do ano letivo, com a presença dos pais dos alunos. O período conhecido como Estado Novo¹ foi um marco e teve uma influência decisiva na realidade das escolas comunitárias, com o processo de nacionalização desencadeado pelo governo federal. Neste mesmo período histórico, os acontecimentos relacionados com a eclosão da Segunda Guerra Mundial tiveram influência na vida dos imigrantes e das comunidades protestantes. Estes dois acontecimentos foram importantes para o desenvolvimento das escolas, e representaram um período de crise, quando muitas escolas foram fechadas e outras deixaram de existir. Depois de vencida a crise, as

¹ Estado Novo: foi um período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da IHU On-Line)

escolas que conseguiram sobreviver retomaram suas atividades e procuraram um espaço próprio dentro da realidade educacional brasileira. As pequenas escolas comunitárias se modificaram na sua estrutura e organização, e formaram uma “rede de escolas evangélicas”.

IHU On-Line - O que caracteriza o ensino religioso ministrado nas Escolas Confessionais da IECLB? O que permanece aí do pensamento de Lutero e que é atual em nossos dias?

Gisela Streck - Nas escolas comunitárias evangélicas, o ensino religioso constou como disciplina desde o seu início. Se, por um lado, havia a preo-

**“Lutero pode ser uma
inspiração: na sua
inquietação e na
incessante busca por
respostas para suas
perguntas”**

cupação pela alfabetização dos filhos e filhas para evitar um retrocesso cultural, visto que os imigrantes tiveram, em sua grande maioria, acesso à educação na Alemanha, por outro lado, tinham também a intenção de, através das escolas comunitárias protestantes, evitar que seus filhos frequentassem as escolas católicas. O ensino religioso, com um caráter confessional e doutrinário, era denominado de “ensino evangélico”. Seus conteúdos eram histórias bíblicas e não se levava em conta o contexto da escola: era entendido como a “Igreja na escola”. A preocupação por este “ensino evangélico” se ampliou para além da escola comunitária, quando um grande número de crianças protestantes começou a frequentar a rede de escolas públicas.

Num segundo momento, a designação “ensino evangélico” muda para “educação cristã na escola” e a disciplina busca uma inserção no contexto social. Nas escolas públicas, inicia-se um período de parceria com outras denominações religiosas na questão do ensino religioso e nas escolas confessionais, a pergunta que se coloca é em torno do caráter do ensino religioso, se este deveria ser confessional ou interconfessional. Posteriormente, as escolas abriram suas portas e seu corpo discente se tornou pluri-religioso. Ao mudar o perfil do público que frequenta a escola confessional, mudaram também os objetivos do ensino religioso, evoluindo de uma natureza preponderantemente confessional para um ensino interconfessional ou ecumênico. Do pensamento de Lutero, permanece a percepção de ser humano como alguém que é digno e merecedor de respeito, como ser criado e amado por Deus. Assim, o ensino religioso na escola confessional é um espaço para dialogar sobre o sentido da vida, para aprender a conviver e relacionar-se, numa postura de abertura e respeito.

IHU On-Line - Qual a importância de Lutero em relação a seu pensamento sobre o papel da mulher dentro da Igreja?

Gisela Streck - Lutero afirmou que tanto o homem como a mulher são criação de Deus. Valorizou a família e neste sentido também o papel da mulher, ao afirmar que tanto meninos como meninas deveriam frequentar a escola. Para as meninas, a escola possibilitaria o preparo necessário para “governar” futuramente a casa. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), cabe à mulher um papel importante. Alguns exemplos de atuação e de envolvimento das mulheres na vida da Igreja: na diaconia, com a atuação de irmãs diaconisas em creches, orfanatos, hospitais, asilos; na educação cristã de crianças e jovens nas famílias e nas comunidades; nas comunidades, por meio de grupos organizados e assumindo, inclusive, cargos de direção. Na IECLB, a valorização das mulheres é tão destacada que as ordena ao ministério pastoral, diaconal, catequético ou missionário.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

A física de partículas. Uma área de fronteira como era a física nuclear nos anos 1930

Importantes para a física de partículas, as teorias dos ganhadores do Prêmio Nobel de Física 2008 serão fundamentais para conhecer, entre outras coisas, um novo tipo de astronomia: a astronomia de neutrinos, aponta o físico Vicente Pleitez

POR PATRICIA FACHIN

Yoichiro Nambu, japonês naturalizado americano, e a dupla japonesa Makoto Kobayashi e Toshihide Maskawa foram consagrados com o Prêmio Nobel de Física deste ano, ao esclarecerem o funcionamento das quebras de simetria de partículas. Pela primeira vez, eles mostram que a simetria quiral é realizada na Natureza, superando a idéia de que quebra de simetria sempre implicava em sistemas físicos com a mesma massa. Importantes para a física de partículas, as descobertas apresentadas pelos pesquisadores são úteis para compreender processos maiores que, por enquanto, compõem os sonhos e perspectivas de físicos de todo o mundo.

Para compreender quais as implicações destas descobertas para a sociedade, a **IHU On-Line** entrevistou, por e-mail, o físico Vicente Pleitez, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (Unesp). Segundo ele, a descoberta de Nambu permitiu compreender melhor o espectro de prótons e nêutrons. Mas quais os benefícios disso para a sociedade? As consequências diretas ainda não estão definidas com clareza, mas certamente ajudarão a solucionar o desafio do futuro: “usar partículas para começar um novo tipo de astronomia: a astronomia de neutrinos”, diz o pesquisador. Entre as boas notícias anunciadas para os próximos anos, Pleitez adianta: “Essa nova astronomia irá observar não a superfície das estrelas como até hoje é feito, mas o interior das estrelas”. E as promessas não param aqui. De acordo com ele, será possível, através de neutrinos, melhorar a compreensão física do sol. Isso, explica, “evitará panes no sistema elétrico e eletrônico (internet incluída), ajudará na seguridade dos astronautas na estação espacial, e na exploração rumo ao universo profundo espacial do futuro”.

Graduado em Química, pela Unversidad de El Salvador, Pleitez cursou mestrado e doutorado em Física, pela Fundação Instituto de Física Teórica (FIFT), e pós-doutorado na mesma área, pelo International centre for the theoretical physics (ICTP), Itália. Mais detalhes no site do pesquisador <http://www.sbfisica.org.br/~cpc/>.

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Como o senhor avalia a teoria desenvolvida pelos vencedores do Prêmio Nobel, que tentam esclarecer o funcionamento das quebras de simetria de partículas? No que consiste exatamente essa que-

bra de simetria de partículas?

Vicente Pleitez - As simetrias têm um papel fundamental na formulação de teorias em física. Porém, muitas das simetrias são apenas aproximadas e, por isso, saber como a Natureza rea-

liza esse “afastamento” da simetria é muito importante. Y. Nambu¹ mostrou,

¹ Yoichiro Nambu (1921): físico estadunidense nascido em Tóquio, Japão. Conhecido por sua contribuição no campo da física teórica, trabalhou na Universidade de Tóquio e é professor emérito da Universidade de Chicago. Recebeu o Prêmio Nobel de Física, em 2008, pela des-

pela primeira vez, como uma simetria das interações fortes (chamada por razões técnicas de simetria quiral) é realizada na Natureza: as leis que descrevem as interações fortes são simétricas sob transformações dessa simetria, mas o vácuo (estado de mínima energia) não é. Até então, pensava-se que uma quebra de simetria sempre implicaria sistemas físicos (partículas elementares, por exemplo) com a mesma massa. O mecanismo de Nambu diz que uma outra maneira, chamada “quebra espontânea de simetria”, não implica nisso, mas, sim, na existência de partículas de massa zero. Caso houvesse uma pequena quebra explícita, essas partículas (chamadas de bósons de Nambu-Goldstone) ganham uma massa pequena. Isso explicaria por que os pión (os mediadores das interações fortes descobertos por Cesar Lattes² e colaboradores em 1947) são as partículas hadrônicas mais leves.

Os outros dois laureados (Makoto Kobayashi³ e Toshihide Maskawa⁴) encontraram o mecanismo para explicar a violação da simetria CP.⁵ Está simetria consiste em duas operações feitas em qualquer ordem: P, que converte um objeto na sua imagem no espelho, e C, que transforma matéria em anti-matéria. Em 1964, foi observado pela primeira vez, para surpresa dos físicos, que essa simetria é violada em um sistema de partículas chamado de “káons neutros”. Nos anos 1990, foram observados outros sistemas que apresentam esse comportamento. Todos eles se encaixam no mecanismo de Kobayashi-Maskawa.

coberta do mecanismo da quebra espontânea de simetria. (Nota da IHU On-Line)

2 Cesare Mansueto Giulio Lattes (1924-2005): físico brasileiro co-descobridor do méson pi. Com outros físicos brasileiros, trabalhou com professores europeus como Gleb Wataghin e Giuseppe Occhialini. Com 23 anos, foi um dos fundadores do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, no Rio de Janeiro. Seu trabalho de pesquisa foi considerado fundamental no desenvolvimento da física atômica. (Nota da IHU On-Line)

3 Makoto Kobayashi (1944): físico japonês, um dos laureados com o Prêmio Nobel da Física de 2008, juntamente com Toshihide Maskawa e Yoichiro Nambu. (Nota da IHU On-Line)

4 Toshihide Maskawa (1940): físico japonês, um dos laureados com o Prêmio Nobel da Física em 2008, juntamente com Makoto Kobayashi e Yoichiro Nambu. (Nota da IHU On-Line)

5 Confira no box a seguir uma explicação sobre a simetria CP. (Nota da IHU On-Line)

IHU On -Line - Qual é a importância dessas descobertas? Em que sentido isso muda nossa concepção de compreender o universo?

Vicente Pleitez - A compreensão do universo é um processo em andamento. As descobertas teóricas ajudaram a entender melhor certos processos de física de partículas elementares. Do ponto de vista da compreensão geral do universo, isso representa pouco. Essas descobertas inspiram mecanismos similares, mas em condições diferentes, por exemplo, em épocas mais remotas do universo, perto da grande explosão ou “Big Bang”. Mas, se essas idéias são úteis nessas condições, é um ponto em aberto. Por exemplo, o universo pode ter sofrido um período de expansão inflacionária, e outras transições de fase que usariam o mecanismo de Higgs⁶ (uma maneira de evitar a existência de bósons de Nambu-Goldstone).

IHU On-Line - Essa teoria revela algo sobre o passado cósmico do Planeta Terra?

Vicente Pleitez - Nada. Pelo menos diretamente. É um erro comum na imprensa dizer que isso tem a ver com o passado do universo. Em 1967, o físico russo, prêmio Nobel da Paz, Andrei Sakharov⁷ observou que um dos ingredientes para explicar a assimetria observada entre matéria e anti-matéria no universo seria a violação de CP. Mas o mecanismo de Kobayashi-Maskawa não pode explicar isso, porque a violação de CP gerada por ele é muito pequena, mas importante para a violação dessa simetria em física de partículas elementares. Ou seja, devem existir outras fontes de violação de CP, além da indicada por Kobayashi-Maskawa que expliquem aquela assimetria observada no universo.

6 Peter Higgs: físico teórico britânico, professor emérito da Universidade de Edimburgo. Conhecido mundialmente pela partícula “bóson de Higgs”, prevista somente na teoria, e buscada através das experiências do Large hadron collider (LHC), o Grande Colisor de Hádrons. Para maiores detalhes, confira as Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

7 Andrei Dmitrievich Sakharov (1921-1989): físico nuclear da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1975 pela defesa dos direitos humanos. (Nota da IHU On-Line)

As duas descobertas dos prêmios Nobel de Física deste ano são importantes para a física de partículas. Claro que esta área é importante para a cosmologia e astrofísica, mas neste caso somente indiretamente. O que importa para a cosmologia não são os mecanismos premiados, mas a própria idéia deles. Ou seja, o importante é que sabemos agora como construir teorias que violem CP. Isso mostra que existe uma maneira diferente de realizar as simetrias.

IHU On-Line - Qual a relevância desse mecanismo para física de partículas?

Vicente Pleitez - Grande. A descoberta de Nambu permitiu compreender melhor o espectro de hádrons.⁸ Por outro lado, a descoberta de Kobayashi e Maskawa permitiu compreender as observações experimentais feitas desde 1964, e principalmente no final do século passado. Estas deram evidências claras que a simetria CP é violada em certos sistemas de partículas. Desde os anos 1960, foram propostas varias teorias para explicar isso, e é possível que outros mecanismos existam, mas, nos sistemas de partículas até agora observados, o proposto por eles é o mais eficiente. É importante ressaltar que o mecanismo de violação de CP proposto por Kobayashi e Maskawa implica na existência de seis tipos de quarks. Isso viria a ser confirmado ao longo dos anos. Quando os autores propuseram o mecanismo, apenas três quarks eram conhecidos e um quarto tinha sido proposto por outros autores por motivos que não consideraremos aqui.

IHU On-Line - Quais os impactos da descoberta de Yoichiro Nambu para a Física e a sociedade?

Vicente Pleitez - A física de partículas é uma área de fronteira. Hoje, ela é o que a física nuclear era na década dos anos 1930. Ninguém saberia dizer para que seria útil a energia nuclear naqueles anos. De fato, Ernst Rutherford,⁹ um dos

8 Hádron ou hadrão: derivativo do grego *hadrós*, significa forte, robusto. É uma partícula composta por um estado ligado de quarks. Os hádrons mantêm a sua coesão interna devida à interação forte, de um modo análogo à que mantêm os átomos unidos pela força eletromagnética. Os hádrons mais conhecidos são os prótons e os nêutrons. (Nota da IHU On-Line)

9 Ernst Rutherford (1871-1937): físico britânico, ganhador do prêmio Nobel por seus tra-

físicos nucleares mais importantes dizia que, se alguém pensasse que a energia nuclear seria proveitosa, estaria louco. Você sabe o que aconteceu. No caso da física de partículas, não sabemos as aplicações diretas para a sociedade. Mas as pessoas têm tido, desde a mais remota Antiguidade, curiosidade de saber como funciona o universo, do que ele é formado, como ele evoluiu. Isso já seria suficiente para justificar a pesquisa nessa área. No entanto, podemos dizer mais. O conjunto de leis que regem a física do muito pequeno (estou falando de distâncias da ordem de 10^{-18} metros) levam a possíveis aplicações dos neutrinos. Todo o conhecimento obtido desde o início dos anos 1950 é utilizado para estudar as propriedades dos neutrinos. Em 2002, ficou definitivamente comprovado que eles têm massa. O desafio dos próximos anos é utilizar essas partículas para começar um novo tipo de astronomia: a astronomia de neutrinos. Já existem alguns telescópios de neutrinos operando em diferentes partes do mundo. Nos próximos anos, poderemos ter boas notícias. Essa nova astronomia irá observar não a superfície das estrelas, como até hoje é feito, mas o interior das estrelas. Ela vai melhorar a nossa compreensão da física do sol, e isso já tem implicações sem preço: o tempo solar evitará panes no sistema elétrico e eletrônico (internet incluída), ajudará na seguridade dos astronautas na estação espacial, e na exploração rumo ao universo profundo espacial do futuro.

Além disso, os neutrinos serão usados em breve para fazer uma tomografia da Terra. Se isso poderá ajudar na procura de minérios, e outras commodities, só o futuro poderá responder.

Mas, para termos esse conhecimento dos neutrinos, precisamos do resto do conhecimento da física de partículas elementares, dos píons; precisamos saber se a simetria CP é violada ou não, e, se é, qual é o mecanismo. Assim, não apenas as descobertas dos laureados, mas de todos os físicos teóricos e experimentais das últimas cinco ou seis décadas, são importantes para poder usar os neutrinos como mencionado acima.

balhos inovadores na física nuclear e por sua teoria da estrutura do átomo. Rutherford foi um dos mais importantes pesquisadores da física nuclear. (Nota do IHU On-Line)

IHU On-Line - Em quanto tempo essas novidades estarão ao nosso alcance? Já existe uma perspectiva de prazo?

Vicente Pleitez - Já foi feito o SuperKamiokande,¹⁰ o primeiro telescópio de neutrinos. Ele podia seguir o sol dia e noite apenas pela detecção de neutrinos. Isso ocorreu no fim do século passado; em 2002, outro telescópio de neutrinos foi criado, no Canadá, o Sudbury Neutrino Observatory. Há alguns anos estão funcionando ou em construção grandes telescópios de neutrinos, e o mais adiantado é o iceCube, na Antártida. Ele tem 1 km cúbico de volume dentro do gelo, mas não observa o sol. Atualmente, não estão ocorrendo explosões apropriadas, para a utilização desses aparelhos, mas, se isso vier a acontecer, eles vão “ver” os neutrinos emitidos nesse tipo de processo.

IHU On-Line - Qual a importância das nanotecnologias para esse processo?

Vicente Pleitez - Nenhuma por enquanto. O detector de neutrinos “de bolso” seria ideal. Atualmente, esses detectores são gigantescos (o superKamiokande tem 1000 toneladas de água super-pura). Veremos no futuro.

IHU On-Line - Com tantas descobertas, as leis básicas da física podem se tornar ultrapassadas?

Vicente Pleitez - Não. As leis da física mudam, mas pela energia, por exemplo, continuaremos a usar Newton para movimentos lentos e massas pequenas. Por outro lado, no domínio atômico, dependendo da energia, vamos usar átomos, núcleos, quarks, cada uma com suas leis apropriadas.

IHU On-Line - Em que sentido a Física pode explicar a criação do mundo?

Vicente Pleitez - A física conhecida e testada no laboratório pode explicar a origem do universo a partir de certo momento, digamos tempos da ordem de fração de bilionésimos de segundo depois da grande explosão. Devemos lembrar que o tempo de Planck,¹¹ o tempo

¹⁰ O SuperKamiokande é um gigantesco detector de neutrinos construído no Japão. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Max Karl Ernst Ludwig Planck (1858-1947): físico alemão, considerado o pai da Teoria Quântica. Em 1899, descobriu uma nova constante fundamental, chamada, em sua homenagem, Constante de Planck, que é usada, por exemplo,

no qual as leis da física conhecidas (incluindo a gravitação de Einstein¹²) deixam de ser válidas, é quando o universo tinha 10^{-44} segundos. Vai ser difícil chegar mais perto desse possível começo.

LEIA MAIS...

O que é a simetria CP?

Quando nos olhamos num espelho estamos aplicando uma inversão espacial. Os físicos chamam isso de uma “transformação de paridade”, denotada por P. Assim como sua imagem é a mesma (o não) atrás do espelho, os físicos acreditavam que as leis da natureza deveriam ser as mesmas atrás do espelho (mas algumas pessoas de grande imaginação, Lewis Carroll, por exemplo, já disseram [Ver Alice através do espelho] que mesmo as coisas comuns não teriam porque ser iguais atrás do espelho. Em 1957, foi observado em certos processos nucleares que essa simetria, P, não é conservada. A imagem no espelho desses processos é diferente do processo na frente do espelho! Então, direita e esquerda seriam absolutas e não uma convenção humana? Não deveria ser assim. Para recuperar a simetria especular, os físicos pensaram: talvez o “espelho” da física não faça simplesmente criar uma imagem atrás do espelho, mas também transforma matéria em anti-matéria! Essa transformação é denotada pela letra C e foi descoberta no final da década de 1930. Então, o espelho correto para as leis físicas seria a combinação das duas simetrias: CP ou PC, não importa a ordem em que fazemos as transformações. Isso pareceu arrumar a casa. Mas, nos anos 60, de novo de maneira inesperada, foi observada uma violação dessa simetria CP. Permaneceu um mistério até que ao longo dos anos 1990 foi confirmado que a maneira como essa simetria é violada é a proposta por Kobayashi e Maskawa, em 1973. (Fonte: Vicente Pleitez)

para calcular a energia do fóton. Um ano depois, descobriu a lei da radiação térmica, chamada Lei de Planck da Radiação. Esta foi a base da Teoria Quântica, que surgiu dez anos depois com a colaboração de Albert Einstein e Niels Bohr. De 1905 a 1909, Planck atuou como diretor-chefe da Deutsche Physikalische Gesellschaft (Sociedade Alemã de Física). Como consequência do nascimento da física quântica, foi premiado, em 1918, com o Prêmio Nobel de Física. Após sua morte, o instituto KWG passou a chamar-se Max-Planck-Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften (MPG, Sociedade Max Planck para o Progresso da Ciência). (Nota da IHU On-Line)

¹² Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) (www.unisinos.br/ihu). A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da IHU On-Line)

Teologia Pública

Por uma antropologia e uma cristologia cósmicas

Para o renomado teólogo alemão Jürgen Moltmann, a teologia cristã precisa partir de uma cultura da vida e resistir ao barbarismo da matança

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

O teólogo alemão Jürgen Moltmann, nascido em 1926, é professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen e um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. Ele é autor, entre muitos outros livros, de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971), *Deus na criação. Doutrina ecológica da criação* (Vozes: Petrópolis, 1993), *O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas* (2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994), *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* (Petrópolis: Vozes, 1997), *O espírito da vida. Por uma pneumatologia integral* (Petrópolis: Vozes, 1998), *Scienza e Sapienza. Scienza e Teologia in dialogo* (Queriniana: Brescia 2003), *A vinda de Deus: escatologia cristã* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003) e *Experiências de reflexão teológicas – caminhos e formas da teologia cristã* (São Leopoldo: Unisinos, 2004).

Na última semana, a Universidade Metodista de São Paulo realizou a Semana de Estudos Teológicos da FaTeo e a Semana de Estudos de Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, com a presença de Jürgen Moltmann. Durante o evento, que aconteceu de 29 a 31 de outubro, a Universidade Metodista de São Paulo concedeu ao teólogo o título de Doutor Honoris Causa, em cerimônia especial na noite de 30 de outubro, como expressão de gratidão e reconhecimento pelo valor, pública e incontestavelmente afirmado, do conjunto de sua obra para o cristianismo e a sociedade contemporânea. O teólogo concedeu, da Alemanha, antes de vir ao Brasil, a entrevista que segue à IHU On-Line, por fax. Em suas respostas, Moltmann considera que, para ele, “o mais importante resultado da neurobiologia moderna é a libertação da biogenética do feitiço ideológico do darwinismo social. A noção de luta pela existência e do direito do mais forte está biologicamente errada”. O teólogo acredita que o mero “prolongamento da vida” não é objetivo relevante em termos humanos. “O que importa é a humanidade da vida vivida”, diz ele. E explica: “Prolongamento de vida nada tem a ver com a esperança cristã de vida eterna. Vida eterna não é vida sem fim, mas vida vivida de forma integral, na presença do Deus vivo”. Para ele, “antes de investirmos inteligência e dinheiro no prolongamento da vida dos ricos, deveríamos cuidar da capacidade de viver da vida nascida entre os pobres. A morte prematura de crianças é, hoje, um fenômeno maciço muito triste”. A entrevista a seguir foi realizada em parceria com a equipe de Teologia Pública do IHU.

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Tendo em vista sua concepção de Teologia Pública, quais são hoje os principais desafios e possibilidades de um diálogo entre teologia e biociências?

Jürgen Moltmann - As ciências biológi-

cas estão no centro do interesse público. Mas elas não devem ser encaradas de forma isolada. A bioética é parte da ética médica, e esta parte da cultura pública da nossa sociedade, com seus interesses e valores. A teologia cristã

precisa partir de uma cultura da vida e resistir ao barbarismo da matança. O critério econômico [Ökonomisierung], que domina todas as áreas, também tomou conta das ciências biológicas. Também nesse aspecto, a teologia

“O critério econômico, que dominar todas as áreas, também tomou conta das ciências biológicas”

“Viver sem dor é uma vida sem amor. Uma vez que não existe vida humana sem a morte, também não existe viver sem morrer”

cristã precisa defender a dignidade da vida humana.

IHU On-Line - Quais são os pressupostos antropológicos do desenvolvimento das atuais biociências? Que implicações isto tem, na sua opinião, para a concepção de vida humana?

Jürgen Moltmann - O referencial humano das ciências biológicas é indicado pela neurobiologia. A vida humana somente pode crescer de forma sadia se for uma vida aceita e amada. Nosso sistema motivacional está condicionado pelos neurônios-espelho para ter relações sociais de reconhecimento positivo e afirmação. A redução da vida humana a funções biogenéticas destrói seu caráter humano. A vida humana precisa ser aceita e vivida, uma vez que em muitos casos ela é rejeitada.

IHU On-Line - Quais as principais consequências dos estudos recentes no âmbito da biogenética e neurociências para a antropologia teológica? Quais os principais desafios decorrentes das possibilidades de intervenção sobre a vida humana?

Jürgen Moltmann - O mais importante resultado da neurobiologia moderna é, para mim, a libertação da biogenética do feitiço ideológico do darwinismo social. A noção de luta pela existência e do direito do mais forte está biologicamente errada. A simbiose é o fundamento de todas as formas de

vida e da estrutura de condições complexas de vida. A evolução da vida é a “simbiogênese” (L. Margulis¹). Não é a engenharia genética no “projeto eugênico”, mas somente a melhoria das condições de vida humana que pode levar a sua real melhora.

IHU On-Line - Entre as principais preocupações do atual esforço pelo progresso da biomedicina, está o prolongamento da vida humana. Esta busca abre novas possibilidades para a escatologia cristã ou está circunscrita a um “presentismo”, que anula as possibilidades da escatologia?

Jürgen Moltmann - O mero “prolongamento da vida” não é objetivo relevante em termos humanos. O que importa é a humanidade da vida vivida. Prolongamento de vida nada tem a ver com a esperança cristã de vida eterna. Vida eterna não é vida sem fim, mas vida vivida de forma integral, na presença do Deus vivo. Todo momento vivido integralmente já é um átomo da eternidade. Sem a aceitação da nossa finitude, não existe felicidade na vida, e, antes de investirmos inteligência e dinheiro no prolongamento da vida dos ricos, deveríamos cuidar da capacidade de viver da vida nasci-

¹ Lynn Margulis: bióloga e professora na Universidade de Massachusetts. Sua proposta da Terra como superorganismo é base da hipótese de Gaia de James Lovelock. É autora de, entre outros, *O que é a vida* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002) e *Micro-cosmos: quatro bilhões de anos de evolução microbiana* (São Paulo: Cultrix, 2002). (Nota da IHU On-Line)

da entre os pobres. A morte prematura de crianças é, hoje, um fenômeno maciço muito triste.

IHU On-Line - Em meio aos benefícios das conquistas terapêuticas do último século, nasceu o que se pode chamar de uma “ideologia da saúde perfeita” e a ilusão de uma vida sem dor. Em que a antropologia e a escatologia cristã podem contribuir para se pensar esta realidade?

Jürgen Moltmann - A moderna “ideologia da saúde perfeita” é uma ideologia que deixa as pessoas doentes. Saúde humana não significa um constante estado de “bem-estar geral”, como diz a Organização Mundial da Saúde, mas é a capacidade de ser um si-mesmo humano em estados sadios bem como doentes. Viver sem dor é uma vida sem amor. Uma vez que não existe vida humana sem a morte, também não existe viver sem morrer. Saúde psíquica e fé precisam mostrar seu valor no viver e no morrer. Deus queira guardar-nos da perigosíssima idolatria da “saúde perfeita”!

IHU On-Line - Que concepções e metáforas deveríamos resgatar da tradição bíblico-cristã tendo em vista uma antropologia mais planetária e cósmica em tempos de cibercultura?

Jürgen Moltmann - O mundo virtual da cibercultura é uma cultura não-sensorial. Acredito na realidade do mundo sensorial, que podemos sentir, cheirar, saborear, ouvir e ver. O mundo da internet tem sentido, mas se servir ao mundo perceptível aos sentidos. Uma cristologia cósmica e uma antropologia cósmica preservarão de destruições e extermínios o mundo real e os mundos possíveis.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Jürgen Moltmann à IHU On-Line. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevista:

* *A Paixão de Cristo: por uma sociedade sem vítimas*, publicada na IHU On-Line nº 94, de 29-03-2004, cujo tema de capa é *A Paixão*.

Invenção

Editoria de Poesia

Linaldo Guedes

POR ANDRÉ DICK

O poeta Linaldo Guedes nasceu em Cajazeiras (Alto Sertão da Paraíba), em 1967. É editor do suplemento literário *Correio das Artes* do jornal *A União*, da Paraíba. Em seu segundo livro, *Intervalo lírico* (João Pessoa: Dinâmica, 2005), ele consegue depurar sua dicção de forma mais clara, sobretudo no corte de versos e no trabalho com a imagem feminina. No poema inicial, “Pintura”, “desenha” verbalmente a mulher desejada: “teus traços singulares / pluralizam-se / no ocaso noturno do inverno”. Essa presença se mostra bastante em “Armadilha”, com os olhos no calendário desenhando um círculo de fogo, como se o calendário simbolizasse os ponteiros de um relógio, fazendo um círculo permanente (tempo que, no poema “A carta”, se transforma numa “monótona e enorme ampulheta”). O tempo parece paralisado por essa presença feminina. Isso fica claro em “Hipótese”, onde se aceita até a prisão: “e se eu te amasse / como um pássaro / ama a gaiola que o prende?”. “Perfume” é um poema com bela sonoridade — curta e eficiente, com o barroco ecoando em sua estrutura: “entre / serras / cercas / e cenas mudas / repousa / o hálito / barroco / de teu corpo”. E se registre uma certa solidão noturna, identificada em versos de “Neblina” (“noite / tempo exato / para renovar a solidão”), e as cores sugeridas por “Feliz ano novo”, bem construídas, com seios que “brilham no ocaso / vermelho / que invade / o ano virgem” (o branco, aqui, sugerindo uma certa alvura, corrompida pelo vermelho, impuro).

Os temas relacionados à passagem temporal também são constantes na

poesia de Linaldo, como em “Casamento”: “é um tempo que abandona / as avenidas de cajazeiras / / é um tempo que violenta / a ampulheta / / um tempo está mastigando / (minhas raízes) / / é um tempo que não se acomoda / na brisa do litoral / / é um tempo que só fabrica / calendários bissextos”. A sensação de abandono e de solidão de “Artifício” parece surgir daquele tempo repetido no calendário — dos calendários bissextos: “as flores artificiais, / na mesa / o filtro sem água, / na pia / a geladeira sem carne, / na sala”. Com isso, o resultado parece trazer também uma ausência feminina, mesmo que ela permaneça em outros poemas e se desenhe visivelmente em “Intervalo”, com sua organização concretista dos versos (sobretudo em “e / quei / ma / a / que / la / car / ta / ras / ga / da”).

Humor e melancolia

Aliado a um bom-humor — presente nos poemas inéditos que Linaldo enviou à *IHU On-Line* —, num poema como “Regresso”, de *Intervalo lírico*, o trabalho de Linaldo revela uma melancolia interessante em versos como “aqui estou: / / malas desfeitas / ilusões refeitas / / você sorri amarelo / / e eu confundo cores”. Essa melancolia é trabalhada em momentos de “A carta”: “temendo confundir a hora de chegar em casa / quando já não se tem mais casa” — quando o lamento adquire uma forma mais assídua. Em “Santíssima trindade”, há uma dicção polêmica, no sentido oswaldiano — aliás, Linaldo fala de autores em muitos poemas, de for-

ma metalingüística. “A flor e o espinho”, por exemplo, mesmo com a rima previsível (em “amor” e “dor”), funciona ao perseguir uma sonoridade: “quando o teu cheiro sobra / ou o prazer vai embora / é do amor que falamos / é a dor que escondemos / / num caso / falta o pedaço neceS-SÁRIO / para se chegar ao paraÍSO / / em outro / sobra o dicioNÁRIO / para tentar explicar o sumIÇO da flor”. O “falo” silencioso para abrir em silêncio a porta e perfurar a túnica, como está em Catulo, se reproduz em “3 movimentos para I só ato”, com sua porção pagã, de Dionísio: “o vinho / molha os lábios / já ensopados: / / é hora de beber o amor”, ecoando ainda no “sorriso ácido no olhar”. O mesmo diálogo com Catulo se estabelece em “Diálogo erótico”. Em “Reza”, tal dicção parece se revelar ainda mais transparente, quando se implora — numa conjunção moderna — a “deuses inexistentes”. “Ciclo”, o poema que encerra *Intervalo lírico*, parece abrir um novo cenário para sua poesia: versos mais longos, num poema mais longo, com boa sonoridade e idéias, depurando mais a forma, sem perder o discurso: “não é só querer você por todos os janeiros / cultivando mitos / folha / a / folha / em seu pomar de atritos / / não é só buscar fevereiro / definindo ritmos / passo a passo / [...] / novenas de meus encantos / novembro e seus prantos / novelos que se enroscam / metonímias da minha linguagem: / não quero só a parte que me cabe no seu todo / / (dezembro é o ano inteiro / onde cabem todos os janeiros de mim em mim)”.

O sexto personagem

dorian gray com trajes de alferes

diante do espelho não o horror aos próprios vícios mundanos
mas a saudade dos rapapés
e dos escravos
e dos mimos de tia marcolina

duas almas filosofando
sobre a eliminação humana:
never, for ever! – for ever, never

enigmas machadianos espatifados pelo leitor,
sem réplica jacobina.

Matraga

matraca silenciosa
liturgia de agosto
remoendo
moendo
doendo
moenda
– bagaço de homem no altar dos sertões

de repente, a hora chega
pai, filho e espírito santo
agora só quero rezar

(a) caba (que é) marcado

sou um homem marcado

marcado para doer

gado preso no curral
quando não, abatido

comendo baudelaire
na erva daninha de meu capim.

Livro aberto

ser tão

abstrato
quanto
as
águas
do
meu

sertão.

Flór de lótus

já não tenho mais vontade de partir

meu lugar é aqui
deixo as glórias para aquele polifermo.

pasárgada (agora) é coisa do verão passado

ficarei feliz se me chamarem de nulisseeu.

Ocas

era você, asfaltando o mar
assaltando o bar
co
assassinando ba
co
asfixiando o ar
co

era eu, sendo asfalto
meliante
oco
sendo mato
oco
patife vomitando camas
ocas

pescando nossos próprios olhos
estrangulando nossos ossos inda moços
e ocos.

Salieri

no brilho da lâmina

só o corte do olhar

Pêndulo

ah, deixem-me só
sem o relógio
(ponto)

deixem-me só
e o meu alforje
(junto)

deixem-me
só no espelho
(pranto).

Existencialismo

o ser e o nada

o ser é nada

o ser nada
e
mergulha
feliz
nas águas
do boqueirão.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 27-10-2008 a 02-11-2008.

“Quem realmente está preocupado com o consumo pode ver na crise uma alternativa para fazer diferente”

Entrevista com André Lacombe

Confira nas Notícias do Dia 27-10-2008

A preocupação com o meio ambiente cresceu, mas no ato de consumir ainda prevalecem quesitos como marca e preço antes daqueles produtos ecologicamente corretos.

As eleições no Rio de Janeiro. “O pragmatismo oportunista está em alta”

Entrevista com Chico Alencar

Confira nas Notícias do Dia 28-10-2008

“Um Brasil confuso ideologicamente, de cartas embaralhadas, de sinais trocados, além de muito diversificado e que cada vez mais coloca o cabo eleitoral pago no lugar no militante, e o pragmatismo no lugar da doutrina”, é o que emerge das eleições municipais, segundo o deputado federal carioca.

Eleições municipais no RS: entre o pragmatismo e uma outra cultura política

Entrevistas com Sérgio Görgen e Miguel Rossetto

Confira nas Notícias do Dia 29-10-2008

Enquanto Sérgio Görgen, ex-deputado estadual, faz duras críticas à atuação do PT nestas eleições e, principalmente, à forma como o processo eleitoral tem ocorrido, Miguel Rossetto vê a expansão do PT no Rio Grande do Sul como algo muito positivo, seguindo as tendências da pauta da esquerda mundial.

“Capitalismo de compadres”. MP 443 e o balcão de negócios

Entrevista com Reinaldo Gonçalves

Confira nas Notícias do Dia 30-10-2008

O economista afirma, nesta entrevista, que, devido aos erros da política econômica do governo Lula e das vulnerabilidades e fragilidades do país, “a situação do Brasil é particularmente grave”.

Um povo sacrificado em nome do progresso

Entrevista com Sydney Possuelo

Confira nas Notícias do Dia 31-10-2008

O sertanista analisa, nesta entrevista, a situação das obras do complexo do Rio Madeira a partir da problemática dos povos indígenas isolados e afirma que, se indícios deles forem realmente encontrados, as obras terão de ser suspensas.

“Um Brasil mais mosaico do que nunca”. Uma análise das eleições a partir de Minas Gerais

Entrevista com Rudá Ricci

Confira nas Notícias do Dia 01-11-2008

“Surpreendentemente, o Brasil, depois de viver com uma das ditaduras mais duras da história da América Latina, de repente, é dirigido por um partido de centro-esquerda e por um partido mosaico, como o PMDB, que é mediano e joga com os partidos de centro, de esquerda e de direita, porque se amolda à configuração local de cada região”, afirma o sociólogo mineiro.

“A alma não se separa do corpo nem na vida, nem na morte e nem depois da morte”

Entrevista com Renold Blank

Confira nas Notícias do Dia 02-11-2008

Há algo após a morte? E o que há após a morte? Questões como essa há muito tempo estão presentes em nossas vidas e são analisadas nesta entrevista pelo professor Renold Blank, no Dia de Finados.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 28-10-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 06-11-2008	
	<i>IHU Idéias</i>
Por que substituir? Considerações éticas no uso de animais na ciência e na sociedade	Róber Bachinski (Acadêmico de Biologia)
	Horário: 17h30 às 19h
	Local: sala 1G 119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 10-11-2008	
	<i>IHU na 54ª Feira do Livro de Porto Alegre</i>
Possibilidades e impossibilidades do discurso sobre Deus numa sociedade pós-metafísica	Palestrante: Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino (Unisinos)

**PARTICIPE DOS NOVOS
EVENTOS DO IHU**

**CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

Respeito à vida humana ou animal: De que lado a ética se posiciona?

Para o acadêmico em Biologia Róber Bachinski, se um ser possui o interesse de não sentir dor, esse interesse deve ser respeitado, independentemente de ser humano ou não

POR BRUNA QUADROS

No dia 06 de novembro, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU debaterá o tema *Por que substituir? Considerações éticas no uso de animais na ciência e na sociedade*. Quem irá conduzir a discussão é o acadêmico em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Róber Bachinski. Ele, que participa da pesquisa “Estratégias substitutivas ao uso de animais no ensino e pesquisa”, trabalhando com a história da relação homem/outros animais, ética animal e métodos substitutivos ao uso de animais na ciência, é contra a utilização de animais em pesquisas. Em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, Bachinski afirmou que se faz necessário derrubar o paradigma científico baseado na utilização dos animais e construir outro através de metodologias substitutivas, fazendo com que a ciência evolua não apenas em termos de conhecimento, mas de considerações éticas. “Muitas vezes a ética é usada não como uma ferramenta para refletir sobre os atos humanos, mas sim para justificá-los”, frisou.

Róber Bachinski possui cursos em áreas como Bioética e Direito Ambiental. Também é técnico agrícola, com especialização em Zootecnia. Em 2007, o estudante exigiu na Justiça o direito de não sacrificar animais nas aulas da faculdade e ganhou a causa. Por conta disso, passou a ter o apoio de ONGs que atuam em defesa dos animais.

IHU On-Line - Ao acompanhar algumas entrevistas do filósofo australiano especialista em ética, Peter Singer,¹ uma frase marcante foi “A vida humana não tem mais valor que a dos outros animais”. O que representa, para você, enquanto acadêmico de Biologia, e para quem luta pela defesa dos animais, esta afirmação?

Róber Bachinski - P. Singer segue um pensamento baseado na igual consideração de interesses, ou seja, se um ser

“Se realizarmos essas práticas, estaremos abusando do nosso poder, como antes os brancos já fizeram contra os negros e os homens contra as mulheres”

possui o interesse de não sentir dor, esse interesse deve ser respeitado, independentemente de ser humano ou não. Esses interesses são baseados em um nível de consciência chamado subjetividade ou senciência. Os organismos “sencientes” devem ter seus interesses respeitados. Se desconside-

rarmos os interesses de um animal que não quer sentir dor apenas por ele não ser humano, estaremos agindo preconceituosamente. Assim, um interesse humano não tem mais valor que o mesmo interesse de outro animal. Singer avalia apenas o interesse de não sentir dor, por ele considerar o mais básico.

¹ Peter Singer: filósofo australiano. Concedeu entrevista na edição 191 da **IHU On-Line**, intitulada *Por uma ética do alimento. Sobriedade e Compaixão*, de 14-08-2006. Seu último livro é *The way we eat. Why our food choices matter?* (New York: Rodale, 2006). (Nota da **IHU On-Line**)

Eu discordo: se um ser não sente dor, mas tem consciência da sua liberdade, esse interesse em ser livre deve ser respeitado. O mesmo ocorre para outros interesses, como procurar comida, água e conviver em seu hábitat. Ao desconsiderar os interesses de outros animais apenas por eles não serem da espécie “Homo sapiens”, estamos agindo tão errado quanto quando desconsideramos os interesses de algumas pessoas apenas por elas participarem de outro sexo ou de outra etnia. Esses casos são chamados, respectivamente, de sexismo e racismo, enquanto aquele é denominado especismo.

IHU On-Line - Como podemos estabelecer uma relação entre a já citada afirmação de Singer e outras culturas que integram, por exemplo, a prática do vegetarianismo, além da moda, que também faz uso de peles de determinados animais?

Róber Bachinski - É um grande erro moral desconsiderarmos os interesses mais básicos dos outros animais (como o de não sentir dor, de ser livre, de conviver no seu hábitat, de procurar comida e água) em prol de interesses fúteis humanos (como vestir peles e couros, comer carne, ovos, leites e derivados ou usar um produto testado em animais). Não há um real conflito entre o nosso interesse de comer um pedaço de carne e um interesse básico de um animal em viver a sua própria vida? Assim, se realizarmos essas práticas, estaremos abusando do nosso poder, como antes os brancos já fizeram contra os negros e os homens contra as mulheres.

IHU On-Line - Qual é o limite entre uma ética que, ao mesmo tempo em que defende a vida humana, desconsidera a vida animal? O que é parâmetro para um conceito de ética, diante deste contexto?

Róber Bachinski - Infelizmente, muitas vezes a ética é usada não como uma ferramenta para refletir sobre os atos humanos, mas sim para justificá-los. A escravidão animal é uma prática muito arraigada na nossa cultura e isso torna difícil para muitos filósofos analisar as ações humanas quando os seus

interesses estão em jogo. Muitos argumentos arbitrários já foram usados para justificar a exploração animal: a incapacidade de falarem como humanos, ou de pensarem, ou ainda a de autoconsciência. Se considerarmos esses argumentos para determinar quem são os pacientes morais (seres que devem ser protegidos moralmente), muitos humanos ficarão fora desse círculo. Recém-nascidos, por exemplo, não pensam, não falam e provavelmente não são conscientes de si mesmos no mundo, porém consideramos que eles possuem certos direitos. Se analisarmos a maioria dos critérios para jus-

“Caso não exista uma metodologia livre do uso de animais, então aí já há um trabalho para o pesquisador: criá-la”

tificar as atitudes humanas perante os animais, notaremos que, se expuséssemos a nossa própria espécie a esses critérios, uma grande parte da população humana estaria também excluída das considerações morais. Não há sequer um critério que separe todos os humanos de todos os outros animais.

IHU On-Line - Como é para você ter que lidar com a prática de execução dos animais para fins de pesquisas? De que maneira a comunidade acadêmica lida com esta questão?

Róber Bachinski - Thomas Kuhn,² um

2 Thomas Kuhn (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre a história e a filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas* (7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

importante filósofo da ciência, identificou que a evolução do conhecimento acontece através de revoluções de paradigmas. Quando um paradigma não consegue mais explicar certos fenômenos, é substituído por um mais abrangente. Assim também devemos considerar os limites éticos da ciência. Hoje, é inaceitável utilizar animais, como é inaceitável utilizar crianças. Animais e crianças possuem ainda outra similitude com base nos princípios da bioética: ambos não podem consentir com um teste. Não se pode realizar experiências em humanos que não têm condições de entender a pesquisa e consentir com ela (como pessoas em risco social, crianças e pessoas com problemas mentais). Os animais também não possuem condições de consentir, então eles também deveriam ser protegidos por esse princípio. A experimentação animal também está transpassando a linha da ética, quando desconsidera todos os interesses dos animais em nome de um suposto benefício humano ou em nome do simples conhecer. Assim, faz-se necessário derrubar o paradigma científico baseado na utilização dos animais e construir outro através de metodologias substitutivas, fazendo com que a ciência evolua não apenas em termos de conhecimento, mas de considerações éticas.

Embora haja muitos interesses envolvidos no uso de animais (por parte da indústria que vende animais, equipamentos, rações, entre outros e também por parte de muitos pesquisadores que montaram seus currículos baseados na experimentação animal), esses interesses não são mais básicos que aqueles que negamos aos animais. Também noto que muitos professores que utilizam animais se sentem agredidos com essa prática, mas continuam por não saberem trabalhar com outro tipo de pesquisa. A formação acadêmica, que não questiona essas práticas e também dá pouca liberdade para uma pesquisa com outras metodologias, forma profissionais que dificilmente conseguem fugir da experimentação animal e conceber outras metodologias.

“Muitos humanos consideram os animais menos importantes apenas por preconceito”

IHU On-Line - Que outras práticas poderiam substituir o uso de animais em pesquisas?

Róber Bachinski - São inúmeros os tipos de pesquisa e, cabe ao profissional, que possui mais conhecimento na área, pesquisá-las. Caso não exista uma metodologia livre do uso de animais, então aí já há um trabalho para o pesquisador: criá-la. Não queremos apenas pesquisadores que repitam antigas metodologias, mas que desenvolvam outras novas considerando os apelos da ética e da sociedade. Algumas tecnologias já estão disponíveis, como o uso de cultura de células, microchips que interpretam a toxicidade de substâncias, estudos de casos etc. Porém, há muito ainda que se pesquisar e desenvolver. Diferentemente do uso de animais na pesquisa, em que não sabemos ainda como substituir as diversas metodologias, a substituição do uso de animais no ensino faz-se necessária urgentemente não apenas pelas questões éticas já citadas, mas porque muitas instituições já aboliram essa prática. Na Inglaterra, Alemanha e Áustria, por exemplo, é proibida a utilização de animais na graduação, como também em 71% das faculdades da Itália. Em 75% das faculdades de Medicina dos Estados Unidos, essa prática também é proibida, incluindo Columbia, Harvard, Johns Hopkins, Stanford e Yale. No Brasil, a primeira Faculdade de Medicina que proibiu o uso de animais foi a ABC Paulista. Todos esses cursos demonstram que a substituição no ensino se faz totalmente possível, embora também devamos pesquisar mais nessa área e divulgar para a comunidade científica através de artigos com análise do aproveitamento dos métodos pelos alunos e professores.

IHU On-Line - Em sua opinião, o que torna os animais menos importantes que os homens, no pensamento de quem desconsidera que ambos são vida?

Róber Bachinski - Muitos humanos consideram os animais menos importantes apenas por preconceito. Muitos não conseguem se deslocar do pensamento dominante e cultivado por milênios do ser humano como uma espécie superior que deve dominar todas as outras. Assim, se tornam incapazes de se colocar em posição de igualdade com os seres que compartilham o mundo e que possuem interesses. O mesmo acontece quando um homem se considera mais importante que uma mulher ou certa etnia se coloca como superior. É o uso da força e do poder para subjugar outros seres em nome do próprio prazer.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Róber Bachinski. Acesse nossa página eletrônica: www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas especiais publicadas nas **Notícias do Dia**:

* *Sacrifício de animais nas universidades. Uma discussão*, de 22-06-2007. Participaram dela, também, o biólogo e professor da Unisinos Martin Sander e a publicitária e presidente do Movimento Gaúcho de Defesa Animal, Maria Luiza Nunes;
* *Direito dos animais. A Lei Arouca em discussão*, de 29-09-2008. Participou dela o biólogo e professor da Unisinos Martin Sander.

>> Sobre o mesmo tema leia também as entrevistas especiais publicadas nas **Notícias do Dia**:

* *Os animais são sujeitos de direitos? O uso dos animais pelos homens*, de 30-09-2008;
* *Senado aprova lei sobre o uso de cobaia em pesquisas*, de 10-09-2008;
* *Expointer: um símbolo da matança industrial de animais*, de 27-08-2008;
* *Carne “sustentável”. Bem-estar do animal, respeito ao ambiente e aos direitos trabalhistas*, de 24-05-2008;
* *O cuidado com os animais*, de 25-03-2008.

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Perfil Popular

Sueli Angelita da Silva

POR BRUNA QUADROS

Na última semana, a redação da revista IHU On-Line recebeu a visita de Sueli Anglieta da Silva. Aos 41 anos de idade, ela é uma das artesãs da Feitoria. O grupo de artesanato, que atua no município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, é muito mais que uma alternativa para aumentar a renda da família. É a grande realização de Sueli, que se sente gratificada em ver que o trabalho sai das suas próprias mãos. Engajada com as causas sociais, ela também tem forte representatividade no bairro em que mora, passando adiante o que aprende com o artesanato. Confira, a seguir, a história de Sueli:

“Nossa situação financeira era razoável. Não se passava fome, mas também não era uma vida de esbanjo. Tínhamos as condições mínimas para sobreviver.” Assim, Sueli Angelita da Silva começa a contar a sua trajetória de vida. Penúltima de seis filhos — dois homens e quatro mulheres —, ela começou a trabalhar ainda criança, aos nove anos de idade. “Nós estudávamos, brincávamos um pouco e ainda fazíamos alguma coisa para ajudar. Como nasci em uma cidade de indústrias calçadistas, Novo Hamburgo (RS), nos criamos trabalhando nesta área, também.” Seus pais, João Pedro e Guiomar, eram metalúrgicos. Ela conta que, para sustentar os filhos, seu pai chegou a ter três empregos. “Além de trabalhar na indústria metalúrgica, ele plantava nas terras da família dele, que trabalhava com agricultura, e fazia trabalhos de jardinagem. Minha mãe também trabalhava com jardinagem e artesanato, até conseguir se encaminhar no mercado de trabalho.”

Apesar de trabalhar muito, Sueli

destaca que sua infância foi feliz. “As brincadeiras e as alegrias da infância me marcaram muito. Fui muito peralta, de subir em árvores e jogar bola.” Até hoje, Sueli conserva as amizades da infância. Foi nesta época também que aprendeu com seus pais algo muito valioso, que ela carregou para a vida. “Aprendi que o importante é a gente se gostar e se valorizar.” Do seu pai, João Pedro, já falecido, Sueli herdou a alegria. “Meu pai tinha muita vontade de ser músico. Ele tocava vários instrumentos. Então, aos finais de semana, tinha cantoria em casa.”

Quando seu pai ficou desempregado e precisou mudar de ramo, Sueli e a família passaram por um momento difícil. “Eu estava com 11 anos.” Ela conta que morou em Porto Alegre durante seis meses, e a experiência não foi nada positiva. “Ao chegar ao bairro Bom Jesus, foi outra realidade. Lá, existia muita violência. Aí eu fui saber o que era tráfico de drogas. Minha mãe começou a me fechar dentro de casa, com medo que eu também caísse na marginalidade.” Quando a família vol-

tou para Novo Hamburgo, a vida ficou ainda mais difícil. “Meu pai tinha se desfeito do imóvel e tivemos que comprar tudo de novo. Dali para frente, a gente começou a ver a vida de uma outra forma, tivemos que batalhar ainda mais.”

Sueli trabalhou na indústria de calçados até 1995. O primeiro emprego foi aos 14 anos. “Esta área, durante um tempo, foi como um trabalho escravo; se exigia demais e se pagava muito pouco.” Desde então, se dedica à prática do artesanato. “Comecei fazendo um cachorrinho de pano para o meu filho, Jéferson, hoje com 17 anos. Passei a fazer bonequinhos de tecido com cabelos de lã e outros artigos e fui para a frente de empresas para vender o material.” As encomendas dos artigos começaram a fazer parte da rotina de Sueli, que conseguia “se virar” muito bem na atividade. Hoje, vivendo em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Sueli integra o grupo de artesãs da Feitoria, bairro onde mora. Ela conta que o grupo, integrado por 30 pessoas, existe há mais de três anos. “Cada um



“Poucas pessoas conseguem ingressar na faculdade e há uma deficiência na oferta de cursos técnicos”

faz um tipo de artesanato. Fazemos parte da Economia Solidária e participamos de várias feiras. Eu, particularmente, trabalho com produtos voltados para religiões africanas, porque não existe este tipo de artesanato.” Outros produtos convencionais e até mesmo artigos culinários fazem parte do trabalho de Sueli.

“Teve uma época que eu andava meio depressiva, porque eu não conseguia trabalho com carteira assinada.” Com o trabalho informal no artesanato, Sueli passou a ficar mais confiante em si mesma, além de fazer com que os seus produtos manuais se transformassem em 40% da renda familiar. “Estou fazendo a minha parte, correndo atrás das minhas coisas, batalhando. No mercado de trabalho, a gente tem que ser de um determinado perfil, atender o padrão. Trabalhando em casa, me realizo, porque é um trabalho desenvolvido pelas minhas próprias mãos.”

Diante de toda a dedicação pelo trabalho social, o grande sonho de Sueli é poder voltar a estudar. E a força para este engajamento com a comunidade carente vem da religião. “Sou umbandista e trabalhamos muito com caridade. Acreditar em uma religião é ter força para seguir em frente. Se eu fizer o bem, se eu ajudar, vou receber algo em troca.”

Hoje, com 41 anos, Sueli se casou quando ainda tinha 23 com Flávio, que é metalúrgico. “Sou de uma família de casamentos duradouros”, afirma. No início, Sueli precisou superar alguns desafios. “Como eu era a filha mais nova, era muito mimada e não tinha aquela responsabilidade de cuidar de casa.” Cumplicidade e respeito formam a base que sustenta a união que já duram 18 anos.

“Poucas pessoas conseguem ingressar na faculdade e há uma deficiência na oferta de cursos técnicos.” Esta é uma das falhas apontadas por Sueli, na política brasileira. Para ela, estes sistemas de bolsas são, sim, muito bons. “Mas até que todos tenham acesso a um ensino superior no Brasil vai demorar muito. É preciso um investimento maior na educação, o melhor caminho para melhorar de vida.”

ARQUIVO PESSOAL



Sala de Leitura

“Estou lendo o romance *Todos os nomes* (Lisboa: Editorial Caminho, 2007, 279 p.), escrito em 1997 por José Saramago. O personagem principal da história é o Sr. José (o único nome próprio em todo o livro), dedicado auxiliar de escrita da ‘Conservatória Geral do Registro Civil’, cuja única distração é colecionar recortes de jornais com notícias de pessoas famosas. Por conta de tal ocupação, cai-lhe nas mãos,

por acaso, o verbete de uma mulher desconhecida, que vai ocupar seus pensamentos e ações dali para frente. Passa a investigar a vida da desconhecida, envolvendo-se em situações arriscadas, que provocam o comportamento funcionário a transgredir, seguindo um impulso quase incontrolável. Age como quem busca uma aventura, em meio à vida pacata e rotineira que leva, conforme diz a si mesmo: ‘já era tempo de fazer algo absurdo na vida’. A descrição de todos os passos dados pelo personagem, muitas vezes detalhada demais, prendem a atenção e levam o leitor junto na investigação, aticando-lhe a curiosidade pelo final da história, que surpreende.”

Maria Cecília Fischer é mestre em Matemática e Computação Científica, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutora em Educação, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Atualmente, é professora na Unisinos.

PARTICIPE DAS PALESTRAS QUE O INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU PROMOVE DURANTE A 54ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE

03 de novembro: *As imagens de Deus na obra de Guimarães Rosa*, com o Prof. Dr. Paulo Astor Soethe (UFPR), no Santander Cultural Sala Oeste, às 17h.

10 de novembro: *Possibilidades e impossibilidades do discurso sobre Deus numa sociedade pós-metafísica*, com o prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino (Unisinos), no Santander Cultural, Sala Oeste, às 19h.

As duas atividades fazem parte do pré-lançamento do **Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades**, que acontecerá de 14 a 17 de setembro de 2009, na Unisinos.



IHU Repórter

Alexandre Ayub Dargél

POR BRUNA QUADROS

Na última semana, quem visitou a redação da revista IHU On-Line foi o advogado e professor Alexandre Ayub Dargél. Natural de Itaqui, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, ele conheceu ainda na infância os valores do tradicionalismo gaúcho. Daí surgiu o seu gosto por esportes eqüestres, como o hipismo. Hoje, devido à falta de tempo — Alexandre se divide entre as aulas no curso de Direito na Unisinos, o atendimento à comunidade no Núcleo de Prática Jurídica da Instituição e a atuação em seu escritório de advocacia —, ele deu lugar a esportes como o surf e a natação. Durante a entrevista que você confere a seguir, o professor falou muito mais sobre sua trajetória de vida. Ele destacou questões de extrema importância para a sociedade como, por exemplo, a impunidade. Confira:

Origens - Nasci em Itaqui, na fronteira com a Argentina. Morei lá até os 14 anos, quando fui estudar em Porto Alegre, para cursar o segundo grau. Minha mãe foi professora, mas, com o nascimento dos filhos, passou a dedicar-se unicamente à família. E o meu pai era comerciante. Tenho dois irmãos, um é médico e o outro está fazendo vestibular para medicina. Hoje, estou com 31 anos e sou o segundo filho.

Infância - Foi marcada pelo convívio com o tradicionalismo gaúcho. Além da escola, dividia o meu tempo com esportes eqüestres, como o hipismo, tendo participado de várias competições em todo o Estado.

Valores - Tudo o que tenho de valores devo aos meus pais. Minha mãe é de uma família de libaneses. Então, tem conceitos muito rígidos sobre tradição e respeito. Mas, realmente, minha formação pessoal foi guiada pelo meu pai. Devo tudo a ele, que me orientou e ainda me orienta na vida.

Ele me ensinou, principalmente, um valor que prezo muito: a lealdade.

Estudos - Sempre fui um aluno médio. Nunca fui brilhante. Mas, quando saí de Itaqui e fui morar na capital, tive de me dedicar mais aos estudos. Meu Segundo Grau não foi de muito estudo, porque foi um período de adaptação e fiz muitos amigos. Naquela época, prezava o lado social da vida, mais que os estudos.

Formação - Fui aprovado no primeiro vestibular que fiz, para o curso de Direito, na PUCRS. Não tenho influências de advogados na minha família, que é basicamente de médicos. Ia fazer vestibular para Ciências da Computação, mas, no dia da inscrição, resolvi mudar para Direito. Não sei o que me levou a esta escolha, mas foi a melhor coisa que fiz na vida. Não me imagino em outra profissão. Minha formatura foi em janeiro de 2000. Em agosto do mesmo ano, fui aprovado na seleção e comecei a fazer o mestrado, em Ciências Criminais, também na PUCRS.



Trabalho - Quando comecei a graduação, procurei estágios. Queria ter uma experiência na área para saber se era realmente o que eu queria. Esta experiência veio no 4º semestre do curso, quando comecei a trabalhar no escritório de um professor de Direito Penal, com quem trabalho até hoje. Descobri que era desta área mesmo que eu gostava e já são mais de onze anos neste escritório.

Unisinos - A oportunidade de trabalhar na universidade veio com a aprovação no concurso realizado em 2007. Além de professor do Centro das Ciências Jurídicas, atuo no Núcleo de Prática Jurídica da instituição, que funciona na antiga sede. Minha atividade, em ambos os setores, é muito gratificante. No Núcleo, leciono a disciplina de Estágio IV, na qual alunos têm a possibilidade de vivenciar a realidade da profissão de advogado, pois atendemos à comunidade carente.